

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ROBERTO SILLAS DE LIMA SOUZA

ESPORTE PARALÍMPICO: FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM A
PRÁTICA DO ATLETISMO

João Pessoa
2018

Roberto Sillas De Lima Souza

**ESPORTE PARALÍMPICO: FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM A
PRÁTICA DO ATLETISMO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Seminário de Monografia II como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Educação Física, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Profa. Dra. Ana Cristina Marques

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S719e Souza, Roberto Sillas de Lima.

Esporte Paralímpico: Fatores Motivacionais que
Influenciam a Prática do Atletismo / Roberto Sillas de
Lima Souza. - João Pessoa, 2018.
64 f.

Orientação: Ana Cristina Marques.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Esporte Paralímpico. Atletismo. Motivação. I.
Marques, Ana Cristina. II. Título.

UFPB/BC

Roberto Sillas De Lima Souza

ESPORTE PARALÍMPICO: FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM A
PRÁTICA DO ATLETISMO

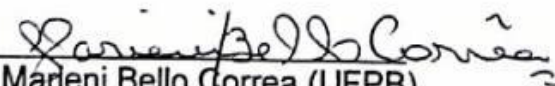
Trabalho de conclusão de curso apresentado
à disciplina Seminário de Monografia II como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Educação Física, no
Departamento de Educação Física da
Universidade Federal da Paraíba.

Monografia aprovada em: 05/11/2018

Banca examinadora


Profa. Dra. Ana Cristina Marques (UFPB)
Orientadora


Prof. Dr. Luciano Meireles de Pontes (UFPB)
Membro


Profa. Dra. Marleni Bello Correa (UFPB)
Membro

João Pessoa

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Edileide, a minha segunda mãe Maria José e a minha querida tia Lidiane, que juntas sempre me ensinaram a valorizar a essência, não a aparência e, que só reconhecemos o verdadeiro valor das coisas quando lutamos por ela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e o discernimento para que eu pudesse chegar até aqui, que em sua benevolência suprema, sempre esteve ao meu lado. Sem ele nada disso seria possível.

A minha mãe Edileide, que nunca cansou de me encorajar, com muito amor, sempre esteve o meu lado, principalmente, nas horas mais difíceis. Na hora das dificuldades e estresse, com dedicação acalmou-me com suas palavras de incentivo. Obrigado por sempre se preocupar comigo, torcer pela formação profissional, e me ensinar valores e princípios valiosos, responsáveis pelo ser humano que me torno a cada dia. Tu és a minha base, eu te amo!

A minha segunda mãe Maria José, minha Nena, a matriarca, um anjo, dona de todo meu amor. Obrigado por me ensinar com o seu jeitinho simples que “O pouco com Deus é muito”, que a voz da experiência ajuda-nos a trilhar caminhos do bem, mas que também é preciso correr em busca dos nossos objetivos. Obrigado por você existir e alegrar o nosso mundo com sua autenticidade e alegria, amo muito você!

A minha amada e querida irmã Letícia, por me encorajar nos momentos que pensei em desistir, pelas inúmeras vezes que você se dispôs a me ouviu falar sobre o mesmo assunto, pela paciência em ler o meu trabalho repetidas vezes com o intuito de dar um *feedback*. Obrigado por você existir e nunca desistir de mim, sem você eu não nada, que a nossa amizade seja sempre assim, eu te amo!

A minha tia Lidiane, minha amiga, confidente, um exemplo de ser humano. Obrigado por estar ao meu lado e da minha família no momento em que mais precisamos, por me acalmar com suas palavras dizendo “Deus proverá”, por me ensinar a parar para contemplar o “belo”, por acreditar no meu potencial. Obrigado pela sua existência.

Ao meu amigo Jocemar Aves, que acreditou em mim no momento em que eu já havia desacreditado da vida. Obrigado por me incentivar, pelos conselhos dados, pelo apoio moral, por nunca ter desacreditado do meu potencial, pela confiança e por me ensinar que devemos ser quem somos e não mudar por nada nem ninguém deste mundo.

Ao meu amigo Lucas, um irmão que a vida me deu de presente, uma pessoa que eu admiro e quero ter sempre por perto. Obrigado por aturar as minhas chatices

e por estar sempre à disposição nos momentos que eu mais preciso. Obrigado pela nossa valiosa amizade!

Agradeço a minha amiga Mirele, que sempre se dispôs a me ajudar em todos os momentos que precisei, além de sempre desejar o meu sucesso profissional.

A minha orientadora Prof. Dr^a. Ana Cristina Marques pelas contribuições e sugestões dadas durante o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço pela paciência e pela oportunidade de aprendermos diversas coisas juntos. Muito Obrigado!

Aos professores que compõem o Departamento de Educação Física da UFPB, especialmente a Prof.^a Sandra Barbosa, atual chefe, uma pessoa ímpar que distribui serenidade por onde passa.

A todos os novos amigos que conquistei no durante a trajetória do curso, em especial Abynoã e Jurandir, pessoas que eu tive a satisfação de vivenciar momentos preciosos e, com certeza pretendo levá-los por toda vida. Muito Obrigado a todos.

Se alguma vez fiz algo correto na minha carreira médica. Foi introduzir o esporte no tratamento e reabilitação de pessoas com deficiência.

Sir Ludwig Guttmann, 1967.

RESUMO

O Esporte Paralímpico é um importante fenômeno sociocultural no século XXI. O atletismo está presente, oficialmente, no programa dos Jogos Paralímpicos desde a sua primeira edição, no ano de 1960. A modalidade oferece diversas provas com características distintas, permitindo o acesso a vários tipos de deficiências. O objetivo do presente estudo foi analisar os fatores motivacionais que influenciam pessoas com deficiência a participar da prática do atletismo. O estudo caracteriza-se como descritivo de cunho qualitativo. A amostra foi composta por doze paratletas de ambos os sexos, faixa etária de 17 a 46 anos. A amostragem foi não probabilística por conveniência. As Variáveis investigadas foram acerca dos motivos que levam pessoas com deficiência à iniciação e a permanência da prática do atletismo. O instrumento utilizado para coleta dos dados foi a entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados de forma qualitativa por meio da análise de conteúdo de Bardin. Os resultados revelaram que os principais motivos pelos quais os atletas iniciam no esporte são: a influência social, o prazer pela prática e a oportunidade de reconhecimento. Os resultados também apontam que as dificuldades vivenciadas ao iniciar a vida esportiva foram: a falta de incentivo financeiro, o transporte público e o local de treino e equipamentos. E ainda, os fatores que motivam os atletas a permanecerem na prática do esporte são: os resultados obtidos, melhorar a condição financeira, a família, o amor ao esporte, a manutenção da saúde e o sonho paralímpico.

Palavras-chaves: Esporte Paralímpico. Atletismo. Motivação.

ABSTRACT

The Paralympic Sport is an important sociocultural phenomenon in the 21st century. Athletics is officially present in the program of the Paralympic Games since its first edition in 1960. The modality offers several tests with different characteristics, allowing access to various types of deficiencies. The objective of the present study was to analyze the motivational factors that influence people with disabilities to participate in the practice of athletics. The study is characterized as qualitative descriptive. The sample consisted of twelve paratletas of both sexes, age group of 17 to 46 years. Sampling was non-probabilistic for convenience. The variables investigated were about the reasons that lead persons with disabilities to the initiation and the permanence of the athletics practice. The instrument used for data collection was the half structured interview. The data were analyzed qualitatively through the Bardin content analysis. The results revealed that the main reasons why athletes start in sports are: social influence, pleasure for practice and opportunity for recognition. The results also point out that the difficulties experienced when starting sports life are: the lack of financial incentive, public transportation and the place of training and equipment. And, the factors that motivate athletes to stay in the practice of the sport are the: results obtained, improve financial condition, family, love of sport, health maintenance and Paralympic dream.

Keywords: Paralympic Sport. Athletics. Motivation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Categorias de Análise e Conteúdos Temáticos.	28
Quadro 1 - Perfil Demográfico e Socioeconômico dos atletas paralímpicos praticantes do atletismo. Que treina na pista de atletismo da Universidade Federal Da Paraíba, Campus I – JP, 2018.....	26
Quadro 2 - Descrição das características da amostra, por prova (s), deficiência, classificação funcional e tempo de prática.	27
Quadro 3 - Conteúdos temáticos, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados.	30
Quadro 4 - Conteúdos temáticos, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados.	37
Quadro 5 - Conteúdos temáticos, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados.	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CPB	Comitê Paralímpico Brasileiro
DID	Dificuldade Intelectual Desenvolvimental
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPC	<i>International Paralympic Committee</i>
STTrans	Superintendência de Transporte e Trânsito
TALE	Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDA	Teoria da Autodeterminação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1.	Objetivos	15
2	REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1	Esporte paralímpico: atletismo	16
2.2	Pessoas com deficiência: o desafio da inclusão	19
2.3	Fatores motivacionais: adesão e permanência na pratica esportiva	20
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS	23
3.1	Caracterização da pesquisa.....	23
3.2	População e amostra.....	23
3.3	Variáveis e instrumentos para a coleta de dados	23
3.4	Procedimentos para a coleta de dados	24
3.5	Análises dos dados	24
3.6	Procedimentos éticos.....	25
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	26
4.1	Iniciação no esporte	30
4.2	Dificuldades vivenciadas	37
4.3	Permanência na prática.....	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS	59
	Anamnese	59
	Roteiro de entrevista.....	60
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	61
	APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO	62
	ANEXO A – CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	64

1 INTRODUÇÃO

O Esporte Paralímpico é um importante fenômeno sociocultural no século XXI. O término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é considerado um marco para a evolução do esporte de rendimento para pessoas com deficiência. Muitos soldados retornaram aos seus países mutilados, com distúrbios motores, visuais e auditivos, dessa forma, as práticas esportivas que visavam promover a melhoria nas condições de reabilitação e reinserção social foram a melhor alternativa (BEGOSSI, 2015).

Com o passar do tempo o esporte de rendimento para pessoas com deficiência conhece novos rumos. Atualmente caracteriza-se pela busca do rendimento máximo, do melhor desempenho em modalidades esportivas praticadas por essa população, reconhecidas pelo *International Paralympic Committee* (IPC) (PARSONS; WINCKLER, 2012). Consequentemente, é possível contemplar muitas competições de alto rendimento, tanto nacionais como internacionais, o nível técnico destas competições impressiona cada vez mais o público e também aos estudiosos da área.

Dentre os vários esportes adaptados, o atletismo está presente, oficialmente, no programa dos Jogos Paralímpicos desde a sua primeira edição, no ano de 1960. A modalidade oferece diversas provas com características distintas, permitindo o acesso a vários tipos de deficiências. Assim sendo, o atletismo vem se destacando quanto ao número de adeptos e um dos grandes fatores de difusão da modalidade é o fácil acesso e a naturalidade dos movimentos, já que correr saltar, lançar e arremessar são atividades inerentes à sobrevivência do homem (GRUBANO, 2015).

Recentemente, os paratletas têm conquistado cada vez mais resultados expressivos, muitas vezes próximos aos do esporte convencional. Este avanço é identificado pelo quadro de medalhas conquistadas pelo Brasil nos últimos dois Jogos Paralímpicos (43 medalhas em 2012 e 72 medalhas em 2016). Para Cardoso (2011), o Esporte Paralímpico mesmo estando em ascensão no Brasil, pessoas com deficiência encontram dificuldades para iniciar e se manter no esporte. Apesar disso, a prática esportiva para pessoas com deficiência tem recebido uma maior atenção e alguns estudos científicos têm surgido sobre as contribuições que o esporte e a atividade física podem oferecer a estas pessoas.

A motivação tem sido foco de diversas pesquisas na área da psicologia do esporte. Segundo Samulski (2002), a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e fatores do meio ambiente (extrínsecos). Mesmo sabendo da importância da atividade física e do esporte para a manutenção da saúde, são poucos os estudos que abordam os fatores motivacionais que estimulam os participantes a se manterem na prática de atividades físicas.

Oliveira et al (2013) analisaram a motivação entre atletas com deficiência visual e física que praticam natação e atletismo, e concluíram que praticantes de natação adaptada são mais incisivos na busca da performance e reconhecimento social. Para tanto, existe uma forte lacuna nos achados científicos atuais em compreender os motivos reais pelos quais praticantes de modalidades esportivas coletivas ou individuais optam por adentrar a um programa de treinamento.

Nesse sentido, definiu-se para este estudo o seguinte problema: Quais os fatores motivacionais que influenciam pessoas com deficiência a participar da prática do atletismo? O estudo tem grande relevância social e justifica-se na oportunidade de aprofundarmos os conhecimentos teóricos e refletirmos acerca dos motivos que levam pessoas com deficiência à iniciação e a permanência na prática do atletismo.

1.1. Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar os fatores motivacionais que influenciam pessoas com deficiência a participar da prática do atletismo.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar o perfil demográfico e socioeconômico dos atletas paralímpicos da pista de atletismo da UFPB;
- Compreender os motivos que levam a iniciação no esporte;
- Identificar as dificuldades encontradas para a prática do atletismo;
- Compreender os fatores que contribuem para a permanência na prática do atletismo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Esporte paralímpico: atletismo

As primeiras evidências do desenvolvimento de práticas esportivas para pessoas com deficiência são datadas após o término da II Guerra Mundial (1939-1945). O pós-guerra resultou em muitos soldados mutilados, com distúrbios motores, visuais e auditivos. Diante disso, muitos governos investiram em programas com o intuito de promover a reabilitação e reinserção social desses soldados. O médico alemão, Ludwig Guttman conseguiu preparar seis paraplégicos para o mercado de trabalho e percebeu que as atividades esportivas, eram extremamente importantes para o processo de reabilitação (CARDOSO, 2016).

Após esse período, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Verão em Londres, ocorrem os primeiros jogos de Stoke Mandeville para paraplégicos. Participaram destes jogos 16 atletas ingleses com deficiência nas modalidades de: tiro ao alvo, arco e flecha, e arremesso de dardo. Essas ocorrências contribuíram para expansão da prática esportiva adaptada e na aquisição de novos contornos repercutindo na organização dos Jogos Paralímpicos, um evento mundial esportivo destinado às pessoas com deficiência (ADAMS, 1985).

Hoje, os Jogos Paralímpicos são o evento de elite para os atletas com deficiência e cresceram de forma bastante acentuada, acontecem a cada quatro anos, desde a sua primeira edição realizada em Roma, no ano de 1960. Em que foram escolhidas determinadas práticas esportivas adaptadas para comporem o programa oficial do evento, as quais foram distinguidas como esportes paralímpicos (BEGOSSI, 2015). Caracterizado pela busca do rendimento máximo, em modalidades esportivas praticadas por pessoas em condições de deficiência, reconhecidas pelo *International Paralympic Committee* (IPC) (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Nessa perspectiva, diversas modalidades esportivas buscaram se adaptar com o intuito de agregar à sua prática um maior número de pessoas com deficiência física. Dentre os vários esportes adaptados o atletismo está presente, oficialmente, nos Jogos Paralímpicos desde a sua primeira edição. A modalidade vem se destacando quanto ao número de adeptos e por apresentar fácil acesso e

naturalidade dos movimentos, já que, correr, saltar, lançar e arremessar são atividades inerentes à sobrevivência do homem. (GRUBANO, 2015).

No Brasil as divulgações dos esportes adaptados tiveram início quando Robson Sampaio de Almeida fundou no dia 1º de Abriu de 1958, o clube do otimismo na cidade do Rio de Janeiro, e Sérgio Serafim Del Grande criou em São Paulo o clube dos paraplégicos, em 28 de Julho, ambos regressavam de um processo de reabilitação nos Estados Unidos. A prática esportiva competitiva no país continuou crescendo até que em, em 1972 o Brasil participou pela primeira vez dos Jogos Paralímpicos, em Heidelberg, Alemanha, mas sem conquista de medalhas. Apesar do pouco apoio para realizar seus treinamentos os atletas brasileiros conseguiram representar o Brasil e abrir caminho para a próxima edição dos jogos (GONZALEZ; SILVA, 2007).

Desde então, o Brasil apresentou uma grande evolução. Conquistou 22 medalhas e ficou na 24ª colocação no quadro geral de medalhas nos jogos paralímpicos de Sydney em 2000. Esses resultados propiciaram maior visibilidade ao esporte paralímpico brasileiro, bem como, o reconhecimento dos atletas paralímpicos, por parte dos órgãos governamentais e pela população brasileira (COSTA; SOUSA, 2004). Recentemente, os paratletas têm conquistado cada vez mais resultados expressivos, muitas vezes próximos aos do esporte convencional. Este avanço é identificado pelo quadro de medalhas conquistadas pelo Brasil nos últimos dois Jogos Paralímpicos (43 medalhas em 2012 e 72 medalhas em 2016) (CARDOSO, 2011).

No ano de 1995 é fundado o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), afiliado ao Comitê Paralímpico Internacional (IPC), atualmente com sede em Brasília, é o principal responsável pelo Esporte Paralímpico no país. O Comitê Paralímpico Brasileiro define que o atletismo seja praticado por atletas com deficiência física ou visual. Há provas de corrida, saltos, lançamentos e arremessos, tanto no feminino quanto no masculino. Assim como noutros desportos em que os atletas são categorizados em função do peso, idade e gênero, os atletas paralímpicos são divididos em grupos de acordo com o grau de deficiência constatado pela classificação funcional (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012).

O sistema de classificação funcional é a mesma para ambos os sexos. Utiliza-se a letra T (Track/pista) precedida do número da classe do atleta para indicar eventos de pista e a letra F (Field/campo) para os eventos de campo. Assim sendo,

atletas com deficiência visual são classificados entre a classe 11 a 13 (T11 – T13 ou F11 – F13); atletas com deficiência intelectual – classe 20 (T20 ou F20); atletas com paralisia cerebral – classe 31 a 38 (T31 – T38 ou F31 – F38) ou 31 a 34 (T31 – T34 ou F31 – F34) no caso de estarem em cadeira de rodas; atletas com membros amputados e Les autres – classe 41 a 46 (T41 – T46 ou F41 – F46); atletas em cadeira de rodas – classe 51-58 (T51 – T58 ou F51 – F58) (RAVACHE, 2006).

Dentro do atletismo para deficientes visuais, as provas são divididas por grau de deficiência (B1, B2 e B3). Para os atletas B1 e B2, as regras são adaptadas, sendo permitido o uso de sinais sonoros e de um guia que deve orientá-lo, mas mantendo-se sempre mais atrás relativamente à posição do atleta. Quanto aos atletas B3, as regras são as mesmas do atletismo regular (VERÍSSIMO, 2006). Nas provas de atletismo regidas pelo Comité Paralímpico Internacional (CPI), os atletas portadores de deficiência visual das classes B1, B2, B3 recebem respetivamente, nas provas de pista, a classificação de T11, T12, T13 e nas provas de campo F11, F12, F13 (RAVACHE, 2006; VERÍSSIMO, 2006).

São vários os benefícios do esporte para pessoas com deficiência. Saraiva et al (2013) no seu estudo concluíram que as pessoas com deficiência que participam em atividades desportivas desenvolvem uma maior autoestima, têm opiniões mais positivas relativas ao seu corpo, apresentam elevadas taxas de desempenho escolar, desenvolvem competências como o saber trabalhar em equipe, definição de objetivos e procuram a perfeição em tudo o que fazem.

Num estudo realizado por Moura et al (2006) sobre o atletismo para crianças (n=40) com DID (Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento), através de um projeto de estimulação da aprendizagem e desenvolvimento de novas habilidades motoras que promovem a atividade física e a interação social, concluiu-se que a prática dessa modalidade contribuiu para melhorar a autoestima destas crianças, ao mesmo tempo em que promoveu a melhoria das suas capacidades motoras. Ainda nesse estudo, o atletismo foi considerado como sendo uma atividade que favorece a aprendizagem e inclusão das crianças com DID nas atividades físicas, por ser uma atividade onde se inserem ações motoras naturais e diárias do ser humano como o correr, o andar, o saltar e o lançar.

A prática esportiva para pessoas com deficiência surgiu com a finalidade de promover a reabilitação e reinserção dessas pessoas na sociedade. Atualmente tem atingido o reconhecimento da sociedade como esporte de alto rendimento, com a

participação crescente da mídia, patrocinadores e espectadores, crescendo cada vez mais a atenção de profissionais das mais diversas áreas relacionadas à prática esportiva.

2.2 Pessoas com deficiência: o desafio da inclusão

Historicamente, pessoas com deficiência têm sido vistas como incapazes de levar uma vida independente. Para Duarte e Santos (2003), inclusão social é algo complexo e que envolve todas as esferas da sociedade e quando falamos em inclusão, o que estamos falando é de corpos que estão fora dos “padrões da normalidade” (física, comportamental e social), e que necessitam de superação e compreensão dos ditos “normais” para serem aceitos. Para Block (1996) o conceito de inclusão social se dá pelo processo pelo qual a pessoa com deficiência de qualquer tipo de necessidade especial se preparam para assumir papéis na sociedade e, simultaneamente, a sociedade se adapta para atender as necessidades de todas as pessoas.

No Brasil, o oferecimento, pelo Poder Público, de oportunidades para a prática esportiva (terapêutica, recreativa ou profissional) às pessoas com deficiência encontra-se além do âmbito dos princípios constitucionais, eis que também se trata de comando legal positivado, dado que, com a Lei Federal nº 13.146, de 6 de julho de 2015, denominada Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), o Estado brasileiro compromete-se em assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania, garantindo a dignidade a elas ao longo de toda a vida (AGUIAR; FERREIRA, 2016).

Deve-se esclarecer que, para os efeitos da Lei Federal nº 13.146/2015, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. O acesso facilitado à prática esportiva e às competições desportivas significa, para as pessoas com deficiência, grande avanço em relação à saúde, então, que o zelo com as pessoas com deficiência é dever institucional e legal do Estado brasileiro (AGUIAR; FERREIRA, 2016).

Embora garantida em lei, essa prática, seja com objetivo educacional, competitivo ou de lazer, ainda se encontra diversas barreiras para sua democratização, que vão desde questões ambientais até fatores ligados aos aspectos pessoais e sociais. Apesar dos benefícios físicos, motores, sociais, psicológicos e cognitivos da prática de atividade física por pessoas com deficiência, a prevalência de inatividade é muito grande nessa população e estaria relacionada a barreiras médicas, psicológicas, sociais e ambientais que dificultam ou impedem a participação (MARTIN, 2013; NOCE; SIMIM; MELLO, 2009).

Entretanto, o esporte adaptado carrega em si um potencial de inclusão social, contrariando as práticas de desvantagem, permitindo à população com deficiência ultrapassar barreiras restritivas ou impeditivas da sociedade e tem vindo a ganhar cada vez mais notoriedade e importância como um importante agente de inclusão e socialização (CELESTINO; PEREIRA, 2015). Neste sentido, é preciso lembrar que pessoas com deficiência vivem nas mesmas comunidades que seus pares sem deficiência. Assim, mais do que incentivar a criação de programas específicos para o atendimento a esse público, é preciso que o poder público promova alguns elementos de adaptação nos programas já existentes.

Contudo, constata-se que o esporte para pessoas com deficiência vem ganhando notoriedade e novos adeptos em todo o Brasil, com maior evidência nos entre pessoas com deficiências motoras, visuais ou intelectuais ligadas ao movimento Paralímpico (CARDOSO, 2011). Portanto, visto ser a prática esportiva um direito assegurado pela legislação às pessoas com deficiência, é preciso ainda investir em formação de profissionais para atuarem com essa população, além de melhorar a acessibilidade aos programas já existentes e fomentar a criação de novos programas de iniciação esportiva, não apenas visando à formação de futuros atletas, mas também à possibilidade de uma inserção precoce em uma atividade capaz de promover a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida em vários aspectos.

2.3 Fatores motivacionais: adesão e permanência na prática esportiva

A motivação é um tema que vem ganhando relevância e tem sido foco de diversas pesquisas na área da psicologia do esporte. Para Samulski (2002), a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma

meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e fatores do meio ambiente (extrínsecos). Ainda para o mesmo autor, no que tange a motivação para a prática esportiva depende da interação entre a personalidade (expectativas, motivos, necessidades, interesses) e fatores do meio ambiente como: facilidades, tarefas atraentes, desafios e influências sociais. Atualmente, uma das preocupações dos investigadores no domínio da motivação dos indivíduos envolvidos em atividades de natureza física ou esportiva reside na identificação dos objetivos que estes estabelecem como prioritários no âmbito dessa prática.

A Teoria da Autodeterminação (TDA) tem sido utilizada como modelo teórico de suporte de diversos estudos, nomeadamente no contexto do esporte, exercício e educação física. A TAD estuda os comportamentos provenientes da interação entre a motivação extrínseca e a motivação intrínseca e está associada ao comportamento motivado por meio das necessidades psicológicas básicas de competência, de autonomia e de relacionamento (DECI; RYAN, 1985; RYAN; DECI, 2007). As três necessidades psicológicas básicas representam importância pessoal de determinados aspetos, tais como a aprendizagem de novas habilidades (regulação extrínseca identificada).

A TAD está constituída por três tipos de motivação: a motivação intrínseca, a motivação extrínseca e a amotivação. A motivação intrínseca está associada à tendência natural e inata do indivíduo em procurar desafios únicos, em explorar e aprender, ou seja, os indivíduos realizam a atividade pelo prazer e interesse inerente à atividade (RYAN; DECI, 2007). A motivação extrínseca está relacionada às expectativas externas e é vista como a autorregulação porque apresenta quatro estilos regulatórios: a regulação externa, a introjetada, a identificada e a integrada que variam de acordo com o nível de autonomia do indivíduo. A amotivação é caracterizada pelo sentimento de incompetência, o indivíduo não se sente competente para agir.

De acordo com Ryan e Deci (2007), os sujeitos tendem a participar mais nas atividades quando regulam o seu comportamento para formas mais autodeterminadas, como quando realizam algo por prazer ou divertimento, sem necessidade de reforço ou recompensa externa (motivação intrínseca) ou pela importância pessoal de determinados aspetos, tais como a aprendizagem de novas habilidades (regulação extrínseca identificada). Por oposição, os sujeitos tendem a participar menos nas atividades quando regulam as suas ações para formas menos

autodeterminadas: regulação extrínseca introjetada (para evitar sentimentos de culpa ou obter aprovação externa), regulação extrínseca externa (para obter recompensas externas ou evitar punições) e amotivação (falta de motivação e intencionalidade).

Recentemente, Fernandes (2017) num estudo realizado com 127 atletas de desporto adaptado e desporto regular concluiu que o efeito da prática desportiva nestes atletas permite-lhes que alcancem mais facilmente a satisfação das necessidades psicológicas básicas, levando-os a adotar comportamentos motivados autonomamente, promovendo assim níveis elevados de satisfação com a vida. Os resultados do seu estudo também revelaram que os atletas do desporto adaptado apresentaram valores médios mais elevados de autonomia, competência, motivação controlada, satisfação com a vida e de afetos positivos comparativamente aos atletas do esporte regular.

Deci e Ryan (2012) e Vallerand (2015), definem a teoria da autodeterminação como uma teoria empírica da motivação humana e da personalidade nos contextos sociais, que faz a distinção entre motivação autodeterminada e não autodeterminada. Para tanto, existe uma forte lacuna nos achados científicos atuais em compreender os motivos reais pelos quais praticantes de modalidades esportivas coletivas ou individuais optam por adentrar a um programa de treinamento.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa caracteriza-se como descritiva de cunho qualitativo. A abordagem qualitativa provê ao pesquisador um conhecimento mais profundo de um fenômeno e produz um alto nível de detalhes (CRESWELL; PLANO CLARK, 2013).

3.2 População e amostra

Contribuíram para realização dessa pesquisa doze atletas de ambos os sexos, com faixa etária de 17 a 46 anos que realizam seus treinos na pista de atletismo da UFPB, Campus I – JP. A amostragem foi não probabilística por conveniência.

3.3 Variáveis e instrumentos para a coleta de dados

Foram analisados os fatores motivacionais que influenciam pessoas com deficiência a participar da prática do atletismo. O instrumento utilizado para coleta dos dados foi à entrevista semiestruturada. Para Martins (2013) as entrevistas semiestruturadas são conduzidas por uma série de questões norteadoras (ou roteiros), mas com espaço para a manifestação dos participantes de forma mais aberta. Algumas informações solicitadas na entrevista foram referentes ao perfil demográfico e socioeconômico dos paratletas, os motivos que levam a iniciação da prática esportiva, as dificuldades vivenciadas ao ingressar no esporte e as razões que contribuem para a permanência na prática do atletismo. Com intuito de testar a aplicabilidade e o efeito do instrumento de coleta de dados foi realizado um estudo piloto.

O estudo piloto contou com uma amostra de 02 atletas paralímpicos da modalidade, permitindo que o instrumento fosse aprimorado, possibilitando melhor compreensão dos entrevistados durante a coleta das informações. Os critérios de inclusão da pesquisa são: assiduidade nos treinos e apresentar o tempo mínimo de três meses de prática na modalidade. Foram excluídos da pesquisa os atletas que não se enquadrarem nos critérios de inclusão supracitados.

3.4 Procedimentos para a coleta de dados

Inicialmente o Departamento de Educação Física da UFPB foi informado do interesse na realização do estudo, após o conhecimento dos objetivos e procedimentos da pesquisa concedeu a anuência para a sua realização. Após a aprovação do comitê de ética, o pesquisador entrou em contato via aplicativo de mensagem com o técnico responsável pelo paratletas. Após combinar a data e horário com o mesmo, a coleta de dados foi efetuada no dia 10 de Setembro de 2018, após esclarecimento sobre o propósito da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE – para menores de 18 anos) terem sido assinados pelos participantes, o sigilo das informações e o direito de recusa foram garantidos aos mesmos. A entrevista semiestruturada foi gravada por um gravador de áudio *Stereo MP3*, possibilitando registrar todas as informações e ainda permitindo ao entrevistador estar atento ao entrevistado. Posteriormente os dados foram transcritos e analisados pelo pesquisador.

3.5 Análises dos dados

Os dados foram interpretados por meio da análise de conteúdo de Bardin. Este é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. A técnica se organiza em três fases: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2011).

A pré-análise abrange a escolha e organização do material que será analisado. Nesta fase se realiza a leitura flutuante, para se estabelecer um primeiro contato com o texto. A fase de exploração do material consiste na análise propriamente dita, normalmente se completa a categorização dos dados. O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, são momentos em que os resultados das fases anteriores são significados e validados pelo pesquisador por meio de associações e deduções em confronto com o referencial teórico e revisão

bibliográfica já realizada. Também é o momento de se realizarem as inferências por meio de interpretações e de novas descobertas (BARDIN, 2011).

3.6 Procedimentos éticos

Todos os participantes elegíveis para a amostra foram esclarecidos quanto aos objetivos, riscos, benefícios e procedimentos da pesquisa. Neste sentido, só foram considerados voluntários da pesquisa, após a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), sendo este último destinado ao participante menor de 18 anos, sendo garantido aos mesmos o sigilo e confidencialidade das informações individuais e que só dados globais serão divulgados a comunidade acadêmica e demais públicos, conforme as normas para a realização de Pesquisas com Seres Humanos e atendendo aos critérios da Bioética do Conselho Nacional de Saúde na sua Resolução 466/12 (BRASIL, 2013). O projeto de pesquisa foi submetido via Plataforma Brasil para apreciação bioética do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, tendo sido aprovado, sob o parecer nº 2.481.569.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dentre os doze paratletas entrevistados, sete são do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com faixa etária de 17 a 46 anos e realizam seus treinos com regularidade na pista de atletismo da UFPB, Campus I – JP. A frequência dos treinos varia de três a seis vezes por semana, e percorre uma faixa de 1h30min a 6h00 de treino por dia. Apenas um deles possui ensino superior completo. Dos doze atletas nove recebem o auxílio do Governo Federal, Bolsa Atleta, Somente dois dos atletas entrevistados possuem ocupação laboral, além da prática esportiva. A renda familiar dos mesmos permeia entre 1 a 5 salários mínimos. Com o intuito de manter a privacidade e o anonimato dos atletas entrevistados, utilizaremos números precedidos da letra “A” para identificar os mesmos. No quadro 1 é apresentado o perfil demográfico e socioeconômico dos entrevistados.

Quadro 1 - Perfil Demográfico e Socioeconômico dos atletas paralímpicos praticantes do atletismo. Que treina na pista de atletismo da Universidade Federal Da Paraíba, Campus I – JP, 2018.

Atleta	Sexo	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Nº de Filhos	Ocupação Laboral	Auxílio Financeiro	Renda Familiar
A1	F	17	Cursando Ens. Médio	Solteira			Bolsa Atleta	1 Salário Mínimo
A2	M	18	Ens. Médio Incompleto	Solteiro		Montador de Móveis	Bolsa Atleta	3 Salários Mínimos
A3	F	19	Cursando Superior	Solteira			Bolsa Atleta	2 Salários Mínios
A4	M	19	Cursando Ens. Médio	Solteiro			Bolsa Atleta	1 salário Mínimo
A5	M	20	Cursando superior	Solteiro			Bolsa Atleta	2 Salários Mínimos
A6	F	21	Cursando Superior	Solteira			Nenhum	4 Salários Mínimos
A7	M	21	Ens. Médio Completo	Solteiro			Bolsa Atleta	Não informado
A8	F	26	Superior Completo	Solteira			Bolsa Atleta	3 salários Mínimos
A9	M	26	Ens. Médio Incompleto	Solteiro			Bolsa Atleta, INSS	Não informado
A10	M	30	Ens. Médio Completo	Solteiro	2		Nenhum	1salário Mínimo
A11	F	35	Ens. Médio Completo	Separada	3		INSS	1,5 salários Mínimos
A12	M	46	Ens. Fund. Incompleto	Casado	3	Aux. Administrativo	Bolsa Atleta	2,5 Salários

O quadro 2 apresenta a caracterização da amostra pela prova (s) do atletismo ao qual o atleta está inserido, o tipo de deficiência, a classificação funcional segundo o Comitê Paralímpico Brasileiro e o tempo de prática na modalidade.

Quadro 2 - Descrição das características da amostra, por prova (s), deficiência, classificação funcional e tempo de prática.

Atleta	Prova (s)	Deficiência	Classificação Funcional	Tempo de Prática
A1	100m e 200m	Paralisia Cerebral (PC)	T38 (Paralisado Cerebral Andante)	7 anos
A2	400m e 800m	Paralisia Cerebral (PC)	T37 (Paralisado Cerebral Andante)	2 anos
A3	Lançamento de dardo e 100m	Física	T47/F46 (amputação de membro superior)	4 anos
A4	100m e 200m	Visual	T12	2 anos
A5	Salto em Distância e 100m, 200m	Física	T44 (Deficiência em membros inferiores)	4 anos
A6	Lançamentos de dardo/disco e arremesso de peso	Paralisia Cerebral (PC)	F34 (para cadeirante)	4 anos
A7	100m e 200m	Física	T47 (amputação de membro superior)	4 anos
A8	Lançamentos de dardo/disco e arremesso de peso	Física	F57 (compete em cadeira de rodas, seqüela de amputação)	3 anos
A9	Lançamento de dardo	Física	F57 (sequelas de poliomielite)	2 anos
A10	1500m	Visual	T12	8 meses
A11	Lançamentos de dardo/disco e arremesso de peso	Física	F55 (sequelas de lesão medular)	2 anos
A12	Lançamento de disco	Física	F46 (amputados ou deficiência de membros superiores)	14 anos

Legenda: T (*Track*/pista), F (*Field*/campo).

O presente estudo considerou os depoimentos dos atletas como um dos principais elementos para a elaboração teórica e científica. Foram elencadas as categorias de análise e os conteúdos temáticos mais evidentes no discurso dos

atletas entrevistados. A primeira categoria é a iniciação no esporte, que diz respeito à forma como ocorreu o ingresso dos atletas entrevistados no esporte adaptado. A partir das respostas surgiram conteúdos temáticos relacionados à influência social, o prazer pela prática, melhorar a condição financeira e a oportunidade de reconhecimento.

A segunda categoria, dificuldades vivenciadas, diz respeito às barreiras encontradas pelos atletas após iniciar a prática do atletismo. Segundo os depoimentos, as dificuldades vivenciadas permearam na falta de incentivo financeiro, transporte público e local de treino e equipamentos. A terceira categoria, permanência na prática, que diz respeito aos fatores que contribuem para que os atletas entrevistados continuem em sua trajetória esportiva, surgiram conteúdos temáticos relacionados aos resultados obtidos, Melhorar a condição financeira, família, amor ao esporte, manutenção da saúde e no sonho paralímpico, Conforme é demonstrado abaixo na Figura 1.

Figura 1 – Categorias de Análise e Conteúdos Temáticos.



Encontradas as categorias de análise e conteúdos temáticos presentes no discurso dos atletas investigados, passaremos então, a discussão das informações impetradas, a fim de analisar os fatores motivacionais que influenciam pessoas com deficiência a participar e permanecer na prática do atletismo será apresentado à discussão de cada conteúdo temático.

4.1 Iniciação no esporte

O esporte para pessoas com deficiência vem ganhando notoriedade e novos adeptos em todo o Brasil. Após análise das informações, ficou evidenciado que o principal motivo para o ingresso de pessoas com deficiência no esporte paralímpico foi à influência social através convites informais realizados por professores de educação física, técnicos, treinadores, amigos, familiares e pessoas desconhecidas (n= 12; 100%), seguido do prazer pela prática (n=9; 75%), oportunidade de reconhecimento (n=2; 16,7%). O quadro 3 apresenta essas informações.

Quadro 3 - Conteúdos temáticos, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados.

Conteúdos temáticos	Frequência das respostas	%	Total de Entrevistados
Influência social	12	100%	12
Prazer pela prática	9	75%	12
Oportunidade de reconhecimento	2	16,7%	12

Foi evidenciado que a chance de ingresso à prática esportiva é influenciada por convites informais de professores de educação física, técnicos, treinadores, amigos, familiares e de pessoas desconhecidas. Todos os atletas 100% (n=12) relataram ser esta a principal razão por quais eles ingressaram no esporte. Abaixo podemos perceber no discurso:

A4 (2018): “Meu ingresso, acho que comecei eu tinha uns quatorze a treze anos eu praticava o futebol, aí fui chamado pra fazer um teste de corrida. [...] foi um ex-técnico que eu tinha na FUNAD, aí ele me chamou pra fazer um teste, eu fiz aí ele gostou e até agora eu tô aí”.

Embora os discursos se refiram ao passado desses atuais atletas paralímpicos, de maneira geral, ainda é parte da realidade brasileira o desconhecimento sobre o esporte adaptado. Algumas pessoas ainda não o conhecem, tampouco assistiram a uma competição e sequer imaginam a possibilidade da participação de pessoas com deficiência junto ao esporte competitivo (GORGATTI; GORGATTI, 2008). Portanto, o convite a atletas que

demonstram potencial na prática esportiva, contribui para que algumas pessoas com deficiência conheçam e possam ingressar na prática do esporte paralímpico.

Benfica (2012) ao investigar 10 atletas paralímpicos brasileiros, nas modalidades atletismo e natação, a autora destaca em seu estudo que, 50% dos atletas foram abordados e convidados por técnicos e professores de educação física para iniciarem treinamentos em clubes. De acordo com Rosadas (2000), estes convites realizados por professores, treinadores e até mesmo entidades esportivas são formas de detectar novos talentos para o esporte paralímpico, sem a necessidade de utilização de testes motores ou avaliações físicas, apenas com observação de rendimento na modalidade praticada.

Não obstante, a ascensão de pessoas com deficiência à prática esportiva está associada ao ambiente que frequenta e aos profissionais com que interage. Na maior parte das vezes, essa vivência se dá em instituições especializadas, tornando limitado o tempo da vivência esportiva (COSTA; OLIVEIRA FILHO, 2012; PENA, 2013).

Sobre isso podemos destacar os discursos:

A1 (2018): “Meu ingresso, eu comecei na FUNAD. Eu tava fazendo fisioterapia, aí um professor de lá me chamou só pra conhecer...”.

A12 (2018): “O meu ingresso foi através do professor Jailton, neh, que eu já tinha contato com a FUNAD, que eu fazia curso lá...”.

Neste sentido, é preciso que os professores de educação física estejam capacitados e atentos as possibilidades de cada aluno com deficiência incluso nas instituições especializadas e na escola. Isso poderá ampliar o número de pessoas com deficiência que iniciam no esporte, e talvez, transformar as escolas em um das principais locais para a descoberta de talentos esportivos paralímpicos no Brasil. A expectativa é de que as oportunidades e ações que possam favorecer a prática esportiva (seja voltada a recreação ou ao rendimento) para pessoas com deficiência continuem se multiplicando no país.

Outra importante razão para o ingresso no esporte paralímpico evidenciado pelos atletas entrevistados foi o apoio de familiares e amigos. Como podemos destacar no seguinte discurso:

A10 (2018): “Ééé, foi assim, no primeiro momento, é, foi meio difícil porqueee, a aceitação, neh [...] mas eu tive uma boa aceitação e com o apoio de amigos e familiares eee profissionais do ramo foi boa”.

Como podemos perceber no depoimento destacado, o apoio de amigos e familiares pode atuar como fonte de estímulo para a prática do esporte. Um estudo realizado por Florence (2009) destacou que além do apoio financeiro, o suporte emocional dos pais como ferramenta de auxílio aos atletas, tanto no início da carreira quanto após alguns anos de prática. Os pais assumem um papel encaminhador na vida de seus filhos com deficiência, tornando-se muitas vezes fonte de estímulos para que esses possam introduzir-se em práticas de atividades físicas e esportivas (ROSADAS, 2000). No que tange o apoio familiar, Palla (2001) afirma que a iniciação e permanência no esporte dependem, em grande parte, do incentivo realizado pelos pais e amigos mais próximos do atleta.

Cabe destacar que, o convite para conhecer e ingressar no esporte paralímpico nem sempre surge de professores, técnicos e de pessoas próximas ao atleta. Sobre isso podemos destacar o discurso do atleta:

A9 (2018): “... eu ia passando na rua e um cara, um cadeirante, me convidou e eu me interessei e desde 2011 que eu venho aí batalhando no esporte. [...] eleee, no caso ele era atleta do halterofilismo, foi onde ele me convidou a ir para os halteres e me passou o contato da associação [...] não, eu não o conhecia e sou grato a ele até hoje...”.

Com base neste discurso podemos afirmar que muitos atletas começam a prática esportiva logo após terem informação através de outras pessoas em condições de deficiência que provavelmente já estão inseridas em algum esporte. É possível perceber no discurso do atleta entrevistado que o mesmo afirmou não conhecer a pessoa que o convidou, e só por meio de tal influência foi possível ingressar no esporte adaptado. Assim sendo, a partir de atitudes iguais a esta alguns deficientes passam conhecer o esporte adaptado e iniciam a vida esportiva. Para Benfica (2012) a baixa divulgação do esporte paralímpico no Brasil pode estar associada ao desconhecimento das pessoas sobre a prática e a pouca circulação nas mídias nacionais.

Miranda (2011) afirma que o esporte adaptado certamente ainda necessita de divulgação, impossibilitando que muitos indivíduos com algum tipo de deficiência tenham acesso à prática esportiva e que usufruam de seus benefícios. Ainda para a mesma autora a preocupação com as ações de mídia buscando divulgação e, conseqüentemente, uma maior presença do movimento paralímpico na sociedade brasileira, por sua vez, percorre toda a trajetória do CPB com intensidade crescente ao longo dos anos.

No entanto, segundo Cardoso (2016) ratifica que o CPB investiu pesado em 2008 na divulgação dos Jogos Paralímpicos de Pequim, China, Nesse ano, além de comprar os direitos televisivos e distribuir gratuitamente para qualquer emissora que tivesse interesse no país, ainda custeou as passagens e hospedagem para todos os jornalistas brasileiros que tinham interesse de ir a Pequim, realizar as reportagens in loco. Ainda segundo o mesmo autor, os Jogos Paralímpicos de Londres (2012) confirmam este cenário, sendo a primeira vez que um canal de televisão brasileiro compra os direitos de transmissão (Sportv).

De acordo com Marques et al (2013) a divulgação do esporte paralímpico se coloca como uma necessidade e busca expandir ideais inclusivos, esportivos e comerciais para o esporte de alto rendimento, além de proporcionar maior visibilidade e possibilidades de investimento do setor privado. Embora seja perceptível o seu gradativo crescimento, é necessário buscar uma maior popularização do esporte adaptado para que aos poucos faça parte do cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, adquira maior notoriedade dentro dos meios de comunicação (BENFICA, 2012).

Neste sentido, o caminho para a consolidação do esporte paralímpico no Brasil continuará prescindindo da parceria com as ações de mídia, propiciando aos atletas brasileiros reconhecimento nacional e mundial, estimulando e contribuindo para que novas gerações possam conhecer o esporte adaptado, se desenvolver e conseqüentemente, novos atletas sejam formados.

O prazer pela prática foi outro motivo evidenciado nos discursos dos atletas pelo qual ingressam no esporte paralímpico. Evidenciamos 75% dos atletas (n=9) que destacam esse, como um dos motivos que levou a sua iniciação no esporte. São detectados estímulos movidos ora por valores pessoais e internos; ora por motivos

externos que são percebidos, e ambos transformam-se em fenômenos propulsores de energia para o desenvolvimento e o potencial produtivo, que requerem superação de limites físicos e particulares, extremamente relacionados a diferentes questões emocionais.

Sobre isso destacamos:

A1 (2018): "... quando eu comecei foi só por uma esportiva, assim, só por brincadeira [...] e também porque eu gosto [...] ééé, meus movimentos começaram a voltar e por causa disso até hoje eu ainda estou, por causa dos meus movimentos, por causa da coordenação, do esforço físico e também porque eu gosto [...] eu acho o esporte tipo, não só uma fonte de lazer, mas um benefício saudável pra minha vida".

O esporte é uma alternativa que além de melhorar as capacidades físicas, reduzir o estresse e melhorar a socialização permite também que a pessoa com deficiência explore as suas habilidades motoras. A pessoa com deficiência pode escolher seu ambiente de prática, desde ambientes inclusivos, com pessoas com e sem deficiência, até clubes esportivos, com o treinamento de alto rendimento (PEDRINELLI, NABEIRO, 2012). Dessa forma, a aderência ao esporte pode estar relacionada ao desejo de vencer as limitações e mostrar para si mesmo as verdadeiras potencialidades (FLORENCE, 2009).

A capacidade de perceber que tinha todo um potencial a ser mostrado, que não existem limites a partir do processo de adaptação, da emoção de "estar fazendo" e "estar gostando", propiciam diferentes motivos, identificados aqui por muitos deles. Cabe destacar que a possibilidade de retomar a prática da atividade física como já fazia antes do episódio causador de suas limitações, é um fator motivacional que contribui para aderência ao esporte adaptado. A vontade de voltar a praticar o esporte estimulou o desenvolvimento de inúmeras formas de adaptação referentes aos implementos e às regras dos jogos.

Sobre isso podemos destacar:

A8 (2018): "Então, assim, eu sempre gostei muito do esporte, neh, mas eu acho que eu me identifiquei com a forma de lançar, tipo a minha paixão era o handebol, neh a minha vida inteira, então aquele negócio de lançar, fui tomando gosto pelo lançamento, aí conhecendo o arremesso do peso, depois o lançamento de disco. E eu acho assim que quando você já tá no meio assim, você começa a ver por outros olhos, neh, aí eu fui me identificando, passo a passo, cada ano eu fui acrescentando uma modalidade.".

Diversos pesquisadores ao investigar sobre os fatores que motivam pessoas com deficiência à prática esportiva destacaram que o prazer pela prática é uma das razões mais referidas por atletas. Samulski e Noce (2002) realizaram um estudo nos Centros de Treinamento Paralímpicos no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, com 64 atletas paraolímpicos brasileiros de nove modalidades, em preparação para os Jogos Paralímpicos de Sydney – 2000 contataram que dentre os diferentes motivos que levaram os atletas a iniciarem a prática esportiva, o mais importante para iniciar uma atividade esportiva foi o prazer da prática, 76% dos atletas destacaram como decisivo para o ingresso na prática esportiva.

Um estudo conduzido por Villas Boas, Bim e Barian (2003) em 10 indivíduos, com a finalidade de investigar os aspectos motivacionais que conduzem pessoas com deficiência à prática do basquetebol sobre rodas concluiu que 50% da amostra buscam esta atividade como uma possibilidade de prática com foco no lazer e na recreação, e 20% com o objetivo de competição. Esses resultados corroboram com os encontrados em nosso estudo e permite afirmarmos que o prazer em praticar uma atividade esportiva continua sendo uma razão importante para que pessoas com deficiência ingressem em uma modalidade paralímpica.

A oportunidade de reconhecimento foi outro fator evidenciado em nosso estudo, 16,7% (n=2) destacaram esse, como um dos motivos que levou a sua iniciação no esporte.

Sobre isso podemos destacar:

A7 (2018): “Eu tinha um sonho, sonhe esse era de um dia representar o meu país [...] a minha bandeira [...] e quando foi o ano de 2014 recebi uma ligação que tava sendo convocado pra seleção brasileira, de jovens pra representar uma sul-americana. Daí foi que eu vi que era uma oportunidade e que era o ingresso pra mim seguir e realizar meu sonho”.

Partindo desse discurso, o que nos parece evidente, é que, o bom desempenho, traduzido em oportunidade de conquistar medalhas, ainda é, para muitos, a chance de reconhecimento público e, conseqüentemente, a realização do sucesso. Miranda (2011) destaca que o Brasil vive um momento no qual o esporte nacional está sob os holofotes. A realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos na

cidade do Rio de Janeiro em 2016 configuraram uma oportunidade e um desafio. Ter um bom desempenho esportivo é um sonho compartilhado por todos.

Para Haiachi et al (2016) os atletas passam por diversas fases desde a iniciação até a retirada no esporte. Assim, a carreira esportiva passa a estar diretamente relacionada com a obtenção e manutenção de resultados, o que eleva as exigências e o nível técnico dos atletas, necessitando cada vez mais, formação, treinamento e investimentos para conseguir atingir o sucesso o esporte paralímpico. Diante do exposto, é possível afirmar que a oportunidade de reconhecimento, bem como o fenômeno "de ser visto como um campeão", dentro de uma "grande arena", "aos olhos de milhares de pessoas", é um dos motivos para alavancar a prática do esporte e propositar a busca de resultados.

4.2 Dificuldades vivenciadas

Assuntos concernentes às dificuldades vivenciadas pelos atletas após inserção no atletismo é um fator importante a ser considerado no desenvolvimento da carreira do atleta. As principais dificuldades apontadas pelos atletas entrevistados ao iniciar a sua carreira esportiva foram: a falta de incentivo financeiro que diz respeito à falta de patrocínio (n= 7; 58,3%), o transporte referente à falta de acessibilidade nos transportes públicos (n= 6; 50%) e o local de treino e equipamentos que se refere a falta de lugar específico para realizar o treinamento, além da falta de implementos oficiais da modalidade (n= 2; 16,7%). Essas informações são apresentadas no quadro 4.

Quadro 4 - Conteúdos temáticos, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados.

Conteúdos temáticos	Frequência das respostas	%	Total de Entrevistados
Falta de incentivo financeiro	7	58,3%	12
Transporte	6	50%	12
Local de treino e equipamentos	2	16,7%	12

Ficou evidenciado pela maioria dos atletas (n= 7; 58,3%), que a falta de incentivo financeiro foi uma das dificuldades vivenciadas por eles ao iniciar a vida esportiva. Embora atualmente a maioria dos atletas possua financiamento do Governo Federal sob a forma de bolsa atleta e, em alguns casos, também auxílio da previdência social e/ou patrocínios do setor privado. A ausência de apoio financeiro foi um fator que dificultou a iniciação no esporte paralímpico.

A demanda de custeios com alimentação, transporte, roupas, calçados dentre os outros aspectos pode ser um fator limitante para que o atleta dê continuidade a sua carreira esportiva. Sobre isso podemos destacar:

A7 (2018): “Sim, a falta de incentivo [...] incentivo da parte financeira pra um atleta, eu como vim do interior, não tinha nada, venho de família humilde e meus pais com poucas condições pra mim vir embora pra morar na capital, eu não tinha dinheiro pra comprar roupa, não tinha dinheiro pra, pra comprar alimentação, até pra locomoção na cidade, eu não tinha condições.

E daí não tinha incentivo de bolsas nenhuma, nem do governo federal, nem do governo Paraíba, essa foi a maior dificuldade no início”.

Alguns atletas, que não possuem nenhum apoio financeiro encontram dificuldades para iniciar e manter-se no esporte paralímpico. Teodoro (2006) ao avaliar 05 atletas paralímpicos brasileiros, constatou que a ausência de recursos financeiros é considerada a principal dificuldade enfrentada pelos atletas na carreira, muitos deles relatam a preocupação em conquistar resultados positivos e também a incerteza da continuidade no esporte em razão da falta deste apoio. Florence (2009), ao investigar 20 atletas paralímpicos brasileiros das modalidades: judô, futebol de cinco, natação e atletismo, concluiu que grande parte dos atletas investigados destacam que o apoio financeiro veio somente após a conquista de resultados positivos e que esses resultados eram necessários para a manutenção do patrocínio.

Não obstante, a aprovação da Lei AGNELO/PIVA, nº 10.264/01 em 2001, considerada um marco para o esporte nacional, permitiu que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país são repassadas ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao CPB. Do total de recursos repassados, 85% são destinados ao COB e 15% ao CPB e devem ser aplicados no esporte de alto rendimento, esporte escolar e universitário (PARSONS; WINCKLER, 2012). Atualmente, a alta competitividade associada a resultados expressivos são determinantes para escolha de quem avança ou não como beneficiário de programas de auxílio financeiros e melhores condições de treinamento. O apoio financeiro é a porta de entrada para a construção de uma carreira esportiva (DE BOSSCHER et al, 2015).

Sobre isso o maior programa de incentivo ao atleta denominado Bolsa Atleta, estabelece regras e exige a obtenção de resultados esportivos para a concessão de bolsas de auxílio financeiro aos atletas. Instituído pela Lei nº 10.891 de 2004, implantado pelo Governo Federal, gerido pelo Ministério do Esporte, tem o objetivo de estimular a manutenção pessoal aos atletas de alto rendimento. Esse programa garante condições mínimas para que os atletas olímpicos e paralímpicos se dediquem com exclusividade e tranquilidade aos treinamentos e competições locais, sul- 75 americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paralímpica (BRASIL, 2018).

Faz se necessário a conquista de resultados iniciais com expressão para obtenção deste apoio. O cumprimento das metas e objetivos estabelecidos para a contemplação de bolsas de auxílio financeiro é uma realidade dentro do esporte brasileiro. Para Cardoso (2016) essa situação parece ser clara e justa, não faria sentido à ampla liberação de recursos financeiros sem controle e sem metas estabelecidas pelos gestores responsáveis.

Em 2005 o CPB cria o Circuito Loterias Caixa Brasil com etapas nacionais nas modalidades do atletismo e da natação. Em 2006 e 2007, temos Campeonato Brasileiro Escolar, que em 2009 passou a ser denominado Paralimpíadas Escolares evento que reúne alunos com deficiência do Ensino Fundamental e Médio, os destaques podem se candidatar a bolsa atleta. Este recurso federal permitiu o investimento e planejamento que levaram o Brasil ao patamar que hoje estamos no cenário mundial e tendo recebido um Jogos Paralímpicos em 2016 (SILVA, 2017). Assim sendo, os recursos financeiros que são direcionados aos atletas paralímpicos brasileiros, somente são destinados para aqueles que conseguem alcançar estes resultados.

Sobre projetos de incentivo ao esporte, Figuerôa, Mezzadri e Silva (2013) fazem um estudo sobre os esportes olímpicos e paralímpicos, evidenciando a lei de incentivo ao esporte, onde pessoas físicas ou jurídicas podem patrocinar e fazer doações a projetos esportivos e paradesportivos, e como incentivo ter descontos no imposto de renda devido. De acordo com o que foi observado pela entrevista, o que dificulta conseguir esse patrocínio é a burocracia. Mendonça (2015) afirma que apesar de o esporte paralímpico ser considerado uma potência mundial e dos bons resultados, ainda há pouco interesse da iniciativa privada, e o financiamento do esporte paralímpico é quase que inteiramente público.

Neste sentido é evidente que haja poucos atletas que são beneficiados tanto com o programa Bolsa Atleta, quanto com patrocínios de empresas não governamentais justificando assim as poucas oportunidades e as grandes dificuldades enfrentadas no dia a dia de treinamentos e competições ao iniciar a carreira esportiva. É compreensível a necessidade da conquista de apoio financeiro para os atletas no início da sua carreira esportiva, de fato, o esporte paralímpico

brasileiro tem recebido uma quantidade considerável de recursos financeiros para o fomento do esporte de alto rendimento.

Entretanto, outro ponto importante são as condições de treino, infraestrutura, alimentação e transporte oferecido a estes atletas paralímpicos. A evolução técnica, o Centro de Treinamento é importante, mas nada disso funciona se não tiver acessibilidade para o atleta chegar ao local, para que consigam alcançar resultados expressivos que possibilitem avançar dentro da modalidade. Constatamos em nosso estudo que 50% (n=6) dos atletas citaram o transporte como uma das dificuldades vivenciadas por eles ao ingressar no esporte paralímpico.

Sobre isso podemos destacar:

A11 (2018): “Sim! Éééé, o transporte, neh, público, já que eu não tenho o transporte particular, ééé, muitas vezes desestimula porque a gente quer chegar no horário não pode, não tem como. Eee falta de apoio também, neh, tipo, patrocínio pra viagem, coisa desse tipo.”.

O acesso ao local de treino, para pessoas com deficiência ainda é um obstáculo que merece destaque para alguém que deseja praticar um esporte. Uma instalação esportiva não se resume apenas ao espaço onde acontecem os treinos. O transporte e as barreiras arquitetônicas na via pública e nas infraestruturas esportivas são o principal problema, quando não possuem veículo próprio, há necessidade de terem um transporte que permita chegar aos locais de treino ou competição. Parsons (2017) afirma que a maior dificuldade hoje em dia no Brasil para o atleta com deficiência é chegar ao treino, muitas vezes não há transporte adequado.

No que tange a Mobilidade Urbana, no Brasil, em janeiro de 2012, começou a vigorar a Lei 12.587 que instituiu a Política Nacional de Mobilidade e criou o Sistema Nacional de Mobilidade Urbana, que visa organizar os modos de transporte, a infraestrutura e os serviços que garantam o deslocamento de pessoas e cargas nos territórios dos municípios, demandando que estes elaborem seu Plano Municipal de Mobilidade Urbana (BRASIL, 2012). Isso significa que a mobilidade urbana está profundamente relacionada à acessibilidade, ao direito e à necessidade que as pessoas têm de se locomover pelas cidades.

Nesse ponto conflui o dever dos Estados de oferecerem tratamento o mais igualitário aos seus cidadãos. Apesar disso muitas pessoas com deficiência, em várias partes do Brasil, encontram obstáculos que dificultam ou impossibilitam sua mobilidade, restringindo-as ao seu ambiente doméstico e limitando sua independência, sua capacidade de ter uma vida produtiva e seu direito de ir e vir. Mano et al (2013) afirma que um dos equipamentos urbanos que necessitam de adaptação, para uma melhor mobilidade urbana, são os sistema de transportes coletivos, dado que estes auxiliam e promovem o deslocamento desses indivíduos.

Com o objetivo conhecer a realidade dessa população e subsidiar políticas de inclusão social e de bem-estar, uma pesquisa realizada pelo IBGE (2010) revelam que na cidade de João Pessoa cerca de 26% da população, possui algum tipo de deficiência o que representa 90 mil pessoas. Assim, é imprescindível proporcionar a essas pessoas o direito a acessibilidade e uma boa qualidade nos serviços nos transportes públicos. Cabe destacar que estudos recentes têm abordado a relevância da acessibilidade nos mais diversos âmbitos da sociedade, especialmente no que diz respeito às áreas de educação, saúde, lazer, inserção no mercado de trabalho (FREITAS; MARQUES, 2010; ABREU; MORAIS, 2012; FARIA; MOTTA, 2012).

Na cidade de João Pessoa, algumas medidas têm sido tomadas pela Superintendência de Transportes e Trânsito (STTrans) para garantir a acessibilidade das pessoas com necessidades especiais nos transportes coletivos. Dentre as iniciativas, destacam-se as informações em Braille nas paradas e dentro dos ônibus e a incorporação de veículos adaptados à frota de transporte urbano, chamados de “ônibus eficientes” (MANO et al, 2013). Contudo, verifica-se que muitas pessoas com deficiência ainda necessitam da ajuda de algum parente ou amigo para sua locomoção. A realidade dos transportes urbanos as exclui e impede de exercer sua locomoção liberdade e autonomia.

Muitas das atividades consideradas fáceis e rotineiras para os que não possuem deficiência física tornam-se árduas para as pessoas as possuem, o que pode causar uma redução acentuada da capacidade de integração social. Em um estudo realizado por Mano et al (2013) com a finalidade de analisar comparativamente as expectativas e a qualidade percebida pelos usuários com

deficiência(s) nos transportes públicos coletivos da cidade de João Pessoa, obteve-se, a partir dos resultados desse estudo, uma clara defasagem na qualidade dos transportes públicos oferecido aos usuários.

No entanto, é necessária a adequação dos sistemas sociais gerais que mantém essas pessoas excluídas, a fim de proporcionar-lhes a efetiva inserção na sociedade e a facilidade de execução de suas tarefas. Cabe ainda salientar que, se o indivíduo possui uma deficiência, não significa que ele seja incapaz, conquanto que o meio lhe possibilite esse acesso (BRASIL, 2004).

Também foram evidenciados em nosso estudo que o local de treino apropriado e equipamentos podem ser considerados barreiras para o acesso de pessoas com deficiência à prática esportiva. 16,7% (n= 2) relataram esta ser uma das situações de dificuldades vivenciadas por eles. Sobre isso, podemos destacar:

A3 (2018): “Questão de equipamentos, local de treino, que como no interior não tem, e a gente tinha bastante dificuldade com isso...”.

É notório no depoimento destacado que a acessibilidade não mais se restringe ao aspecto arquitetônico, são exatamente as barreiras não arquitetônicas que fazem dos locais de treinamento não acessíveis ou adequados. Sobressai-se como dificuldade não ter um local onde se possa treinar a modalidade esportiva, pelo fato de residir em uma cidade interior.

No Brasil, as barreiras e os facilitadores percebidos podem ainda variar de acordo com a região do país. Analisando de maneira mais aprofundada as regiões Norte e Nordeste, outro problema a ser considerado é que os programas específicos para pessoas com deficiência, em geral, são concentrados apenas nas capitais ou nas grandes regiões metropolitanas, atendendo, dessa forma, uma parcela muito reduzida da população total (GUEGUOL, 2017). Martins e Santos (2002) mostram em seu trabalho que no Brasil e em especial no paradesporto ainda há uma precariedade na infraestrutura das associações e clubes esportivos, faltam locais adequados para desenvolver a prática esportiva, materiais e equipamentos.

Ainda sobre as estruturas e investimentos no esporte, Figuerôa e Silva (2013), apontam alguns caminhos que podem trazer melhorias para o esporte brasileiro incluindo as modalidades paralímpicas: mais atenção ao trabalho inicial ou

de base com captação dos técnicos e treinadores e preparação dos novos talentos e dar mais oportunidades a parcerias como as universidades. Contudo, pode-se considerar que a expansão da prática esportiva para pessoas com deficiência em nosso país, de modo a torná-la de fato acessível e democrática a todos, ainda é um desafio, especialmente nas regiões mais carentes.

Martins (2009) afirma que eliminando os impedimentos extrínsecos à deficiência, criando locais adaptados à prática esportiva adaptada, criando-se condições financeiras, transportes adaptados, oportunidades no meio social e o acesso a material/equipamento adequado, a atividade física adaptada poderia proporcionar às pessoas com deficiência oportunidades de utilizarem as suas habilidades para praticarem esporte com a finalidade de desenvolverem ao máximo as suas capacidades e de se tornarem cada vez mais independentes.

Em suma, constata-se que o esporte para pessoas com deficiência vem ganhando notoriedade e novos adeptos em todo o Brasil, com maior evidência nos estados mais abastados e nas regiões metropolitanas (CARDOSO, 2011). No entanto, visto ser a prática esportiva um direito assegurado pela legislação às pessoas com deficiência, é preciso ainda investir em formação de profissionais para atuarem com essa população, além de melhorar a acessibilidade aos programas já existentes e fomentar a criação de novos programas de iniciação esportiva.

4.3 Permanência na prática

No mundo atual a importância do movimento tem sido evidenciada com constância no campo da educação física. O aumento da participação de atletas com deficiência em diferentes esportes, tanto no Brasil quanto ao redor do mundo, sugere discutir assuntos concernentes aos motivos que levam esta população a permanecer na prática esportiva.

O nosso estudo evidenciou que a permanência na prática esportiva infere nas seguintes razões: os resultados obtidos, que infere as marcas alcançadas, participação em competições (n= 5; 41,6%), melhorar a condição financeira por meios patrocínios e auxílios (n=3: 25%), ajudar a família, que se refere à ajuda financeira com os ganhos alcançados através do esporte (n= 2; 16,7 %) o amor ao esporte, que diz respeito à paixão adquirida pelo praticante ao longo das experiências vividas (n= 2; 16,7%), manutenção da saúde, referente aos benefícios que a prática esportiva oferece (n=2; 16,7%) e o sonho Paralímpico, que se refere ao sonho em participar dos Jogos Paralímpicos (n=2; 16,7%). Conforme destacado no quadro 5.

Quadro 5 - Conteúdos temáticos, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados.

Conteúdos Temáticos	Frequência das respostas	%	Total de Entrevistados
Resultados Obtidos	5	41,6%	12
Melhorar a condição financeira	3	25%	12
Família	2	16,7%	12
Amor ao esporte	2	16,7%	12
Manutenção da Saúde	2	16,7%	12
Sonho Paralímpico	2	16,7%	12

Foi evidenciado em nosso estudo pelos atletas entrevistados (n=5; 41,6%) que os resultados obtidos com a prática do atletismo é a principal razão que contribui para a permanência na modalidade. Sobre isso podemos destacar:

A8 (2018): “Assim, não é fácil, eu sempre costumo dizer que a vida de atleta não é fácil [...] mas eu acho que quando você ver que aquele seu trabalho, chega numa competição e ver os resultados, ver que o seu trabalho tá dando certo, que você tá evoluindo, eu acho que aquilo ali lhe motiva cada vez mais, a você querer mais...”

É notório no discurso destacado que a carreira esportiva está diretamente relacionada com a obtenção e manutenção de resultados. Brazuna e Mauerberg-deCastro (2001) afirmam que quando a pessoa com deficiência é inserida no esporte, o atleta vence barreiras, não só na manutenção de suas capacidades físicas, mas também em seus aspectos psicossociais, melhora da autoestima, autoconfiança e na sua autonomia, além de proporcionar a integração dessas pessoas com a sociedade. Isso faz com que ele se sinta possibilitado a buscar seu desempenho máximo apesar de todos os desafios encontrados.

A participação em competições é o período que o atleta procura aprimorar suas habilidades, desenvolver suas capacidades para a continuidade na carreira esportiva. Além disso, é considerada uma forma por qual atletas aperfeiçoam os fundamentos da modalidade esportiva e passam a encarar o ambiente competitivo como parte de seu cotidiano (CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006). Portanto podemos afirmar que a evolução dos atletas se reforça no ambiente competitivo, pois oferece as pessoas com deficiência à oportunidade de vivenciarem sensações e movimentos que, frequentemente, são impossibilitados pelas barreiras físicas, ambientais e sociais.

O Esporte Paralímpico passa por um processo de profissionalização e desenvolvimento. O campo esportivo é caracterizado por um espaço social de disputas, entre sujeitos que buscam ascensão e reconhecimento. Para Haiachi et al (2016) a competitividade existente entre os atletas paralímpicos favorece o aprimoramento em seu rendimento e proporciona a longevidade na sua carreira esportiva. O que eleva as exigências e o nível técnico dos atletas, necessitando cada vez mais, formação, treinamento e investimentos para conseguir atingir o sucesso.

Sobre isso Benfica (2012) reitera que os atletas treinam incessantemente com o objetivo de alcançar vitórias, conquistar medalhas, bater recordes e satisfazer uma necessidade pessoal. Quando atingem uma posição satisfatória no *ranking* nacional

e mundial, passam a ocupar uma posição de destaque entre os demais e, consequentemente, tornam-se mais visíveis na sociedade. Atletas investigados por Rosadas (2000) também se sentiram mais reconhecidos socialmente após tornarem-se esportistas paralímpicos e conquistarem medalhas importantes para o país.

Em um estudo realizado por Bicalho et al (2016), cujo objetivo foi identificar os fatores motivacionais para a prática competitiva em atletas de tênis de campo em cadeira de rodas. Mostrou que o fator motivacional competição e alcançar o alto rendimento são os maiores motivos que atraem os atletas com deficiência física para a prática competitiva do tênis em cadeira de rodas. Do mesmo modo, os atletas que participaram deste estudo identificaram uma grande importância para os resultados obtidos no que tange a evolução a cada participação em competições. Além disso, ao buscar o alto rendimento no tênis em cadeira de rodas o atleta percebe que através da conquista de títulos o mesmo consegue se destacar em diversas esferas sociais, reforçando sua autoconfiança e trazendo retorno afetivo e financeiro.

No que tange a questão financeira, foi evidenciado (n= 3; 25%) em nosso estudo que melhorar essa condição também é um dos motivos que levam os atletas entrevistados a permanecerem na modalidade. Sobre isso podemos destacar:

A10 (2018): “Ééé, eu acho que a gente atleta pensa logo na melhora de vida. A gente quer ser um atleta, principalmente se tiver família, filho, a gente pensa logo na parte financeira e com certeza no bem estar, neh, de ter uma vida melhor em termo de saúde, isso contribui muito”.

Desde a sua gênese, o esporte paralímpico passou por diversas transformações. Contribuindo para a sua evolução enquanto um esporte competitivo e lucrativo, tanto para o atleta quanto para os demais profissionais envolvidos. Num estudo realizado por Florence (2009), foi possível perceber que apesar de ser numa escala menor que o esporte convencional, o esporte paralímpico possibilita um crescimento financeiro do atleta, o que lhe garante maior autonomia econômica, principalmente dentro do contexto familiar. A autora ainda reitera que os financiamentos realizados pelo Governo Federal como a bolsa atleta e outros patrocínios são possíveis responsáveis por esse crescimento.

O discurso destacado a seguir reitera a afirmativa da autora supracitada.

A2 (2018): “É o treino, neh, tem a bolsa que ajuda, mas não dá pra muita coisa, mas é um ganha pão, sabe, dá pra comprar as viagens, essas coisas, hospedagem”.

Benfica (2012) afirma que da mesma maneira que é realizado no esporte convencional, alguns atletas paralímpicos que se destacam e possuem bons resultados, podem receber bolsas de incentivo financeiro e/ou investimentos de empresas patrocinadoras. Esses investimentos tanto do Governo Federal quanto de empresas privadas e parceiras do esporte paralímpico nacional proporcionam ao atleta melhores condições de treinamento.

Essas empresas, por sua vez, com a intenção de divulgar as suas marcas vinculando-as ao paradesporto, despendem valores financeiros, benefícios ou bens materiais destinados ao aprimoramento do atleta. Portanto, a profissionalização alcançada no alto rendimento pode permitir que o atleta alcance novas condições financeiras e de status pessoal enquanto ascende na categoria de atleta de elite. Não obstante, Benfica (2012) destaca que nem todos os atletas paralímpicos que ocupam boa posição no cenário esportivo, possuem patrocinadores, além disso, o patrocínio ainda é uma dificuldade vivenciada por atletas olímpicos quanto paralímpicos.

Também ficou evidenciado em nosso estudo que o aumento do poder aquisitivo, resultado do trabalho desses atletas também lhes proporciona benefícios pessoais que se concretizam através da oportunidade de ajudar a família. Apontado por 16,7% (n=2) dos entrevistados. Conforme é possível perceber no discurso:

A7 (2018): “É saber de onde eu vim, e os resultados que eu tô obtendo hoje no atletismo e, também é através do atletismo hoje é ajudar minha família, principalmente, meus pais”.

O afeto no âmbito familiar pode ser fundamental e de grande relevância para o desenvolvimento da carreira do atleta com deficiência. Tendo em vista que a relação com o seu núcleo familiar e social, assume um papel fundamental para o seu desenvolvimento, colaborando para o aprimoramento de seus resultados (SERON; ARRUDA; GREGUOL, 2015). Dentre as tantas funções da família, o incentivo a prática esportiva deve ser constante, pois o esporte tem um papel fundamental na autoestima e na determinação do atleta, sentimentos que podem ser transferidos da

vida diária para prática esportiva. Martin e Mushett (1996) relatam que o apoio dos membros da família é considerado o principal suporte e um facilitador para que os atletas continuem interessados em praticar a modalidade esportiva a qual escolheram.

Portanto, fica claro que o suporte emocional da família, é uma das razões importantes para o desenvolvimento da carreira do atleta paralímpico. Tanto na motivação para adesão à prática esportiva quanto para permanência na mesma, além de contribuir no aprimoramento dos resultados obtidos. Dessa forma, a partir da interação e do envolvimento através dos laços afetivos sob a possibilidade de ajudar os familiares através dos resultados obtidos no esporte, proporciona a promoção do bem estar físico e psicológico do atleta, e ainda, a melhora no rendimento esportivo.

O amor ao esporte foi também um dos motivos evidenciados pelos atletas (n=2; 16,7%) para permanência na prática esportiva. As transformações positivas provocadas pelo esporte paralímpico demonstram a contribuição deste fenômeno na vida dos entrevistados. Sobre isso podemos destacar o seguinte discurso:

A12 (2018): “Rapaz, é porque assim, sempre o esporte, eu amo o esporte, praticar o esporte, eu amo de coração [...] não é a toa que hoje eu tô com 46 anos e tô dentro do esporte ainda...”.

Assim sendo, podemos inferir que há uma obtenção subjetiva de um estado satisfatório com a vida por parte das pessoas que praticam alguma atividade esportiva. Lopes (2012) afirma que a satisfação com a vida diz respeito à avaliação subjetiva que o indivíduo faz acerca da sua qualidade de vida, olhando para toda a sua história de vida e baseando-se nos fatores que são, para ele, indispensáveis para se sentir feliz e satisfeito. Diener (2013) refere que o contexto cultural poderá influenciar a escala de satisfação com a vida na medida em que as pessoas tendem a ter maior satisfação com a vida se tiverem características que vão de encontro às suas normas e valores sociais.

Alguns autores fazem ligação entre a satisfação com a vida e a prática desportiva, sobre esse aspecto nos dizem que a satisfação com a vida pode ser considerada como um fator protetor, associados ao desenvolvimento ótimo nas

crianças e adolescentes e conseqüentemente, elevados níveis de satisfação com a vida podem ser interpretados como um indicador de adaptação e integração (PEREIRA, 2012; GADERMANN; SCHONERT-REICHL; ZUMBO, 2010). No campo do esporte adaptado Melo e López (2002) conclui que a prática esportiva por pessoas com deficiência é de extrema eficácia para a promoção da qualidade de vida das mesmas, uma vez que proporciona testar os seus limites e potencialidades, prevenir as enfermidades secundárias da sua deficiência e uma forma de promover a integração social do indivíduo.

Em um estudo sobre a “Paixão e satisfação com a vida em atletas com deficiência”, Vitorino et al (2014) com o objetivo de analisarem a relação entre a paixão que os atletas de elite sentem pela sua modalidade desportiva e a satisfação com a vida no contexto esportivo, revelaram que quando os atletas desenvolvem uma paixão consonante pela modalidade que praticam isso leva a efeitos positivos na sua percepção de bem estar, aumentando a sua satisfação com a vida.

Corroborando também com os resultados desse estudo, Fernandes (2017) verificou que os atletas do esporte adaptado, comparativamente aos atletas do desporto regular, apresentam níveis de bem estar psicológico mais elevado, tendo em vista que obtiveram valores mais elevados de satisfação com a vida e de afetos positivos. Portanto, podemos inferir que além de promover qualidade de vida, a prática esportiva pode gerar ganhos inestimáveis nas pessoas com deficiência, uma vez que os possibilita reconhecer os seus potenciais, as suas limitações e os seus valores, levando-os a participar de forma mais ativa e autodeterminada na sociedade.

Cabe destacar que dentre os diversos motivos que influenciam a permanência da pessoa com deficiência na prática esportiva, permeiam sob a manutenção da saúde. Ficou evidenciado que 16,7% (n=2) dos atletas entrevistados afirmaram que a manutenção da saúde é dos motivos os faz continuar na modalidade.

Sobre isso podemos destacar:

A11 (2018): “Éee, primeiro é o bem estar, neh, éee a vida da pessoa fica com mais saúde praticando o esporte, neh, Eu melhorei muito depois da prática do esporte, a respeito do meu acidente, neh, peguei mais controle de tronco, voltei a sentir mais a sensibilidade das pernas que eu não sentia, isso foi depois da prática do esporte. E isso me faz continuar”.

Sabe-se dos inúmeros benefícios fisiológicos, sociais e psicológicos gerados pela prática do esporte. De acordo com Souza (1994) algumas pessoas com deficiência ao se inserirem no esporte percebem ganho de agilidade, aumento de força muscular no manejo da cadeira de rodas, melhoria do equilíbrio, do condicionamento cardiorrespiratório, coordenação motora e dissociação de cintura. Benfica (2012) corrobora que os atletas paralímpicos, usufruem dos benefícios citados acima e acresce que eles podem passar também por mudanças que afetam diretamente suas relações pessoais e sociais, tais como, a visibilidade social alcançada pela posição de destaque no cenário esportivo ou a forma como passam a ser percebidos pelos seus pares não atletas.

O esporte como fator social, numa sociedade que procura ser cada vez mais justa e igualitária configura-se num importante catalisador para a promoção da igualdade e inclusão social dos indivíduos. Os benefícios provocados pelo esporte, tais como o aumento da autoestima, do autoconceito, independência para realizar atividades cotidianas, saúde, construção de novas interações sociais, incrementam a autonomia do indivíduo diante da sua própria vida e, conseqüentemente, sua aceitação pessoal (GORGATTI et al, 2008; BENFICA, 2012). Sob essa perspectiva a premissa para recomendar a prática esportiva para pessoas com deficiência deveria ser a redução das comorbidades, a melhora ou manutenção da independência funcional e a melhora geral da qualidade de vida por meio da redução de barreiras para os cuidados em saúde.

O atletismo adaptado se apresenta não somente como promotor de saúde, mas também de sonhos, pois leva ao atleta uma ótica de benefícios que ultrapassam os ganhos motores. O sonho de participar das Paralimpíadas foi um dos motivos relatado por 16,7% (n=2) dos atletas entrevistados. Sobre isso podemos destacar:

A3 (2018): “O que me motiva é o grande sonho paralímpico, neh, de participar das Paralimpíadas”.

É possível perceber no discurso acima que a prática esportiva faz com que o atleta em ascensão encontre no esporte algo além de uma competição, com ressalvas aos “sonhos” como suas principais motivações, exercitando o corpo e a mente de maneira a promover um bem estar integral, mas almejando o ápice como atleta de alto rendimento. Atualmente, os Jogos Paralímpicos são considerados o

evento de elite para os atletas com deficiência e cresceram de forma bastante acentuada (BEGOSSI, 2015).

Neste sentido, o esporte paralímpico tem se tornado espaço de popularização das práticas esportivas a este público e como ferramenta de equiparação de oportunidades sociais e reversão de estigmas de incapacidade. Samulski e Noce (2002) afirmam que os motivos que levam o sujeito a praticar determinado esporte, a se manter na sua prática regular e dos objetivos e metas que esses indivíduos desejam conquistar a partir da sua prática, pode está associado a ganhos materiais como troféus ou dinheiro, interagir com outras pessoas, viajar e conhecer novos lugares, se sentir importante por meio de um reconhecimento social, etc.

No entanto, para alcançar metas principais como participações em Paralimpíadas e a realização pessoal, são necessários treinamentos intensos, persistência, dedicação, superação de desafios, incentivos financeiros e emocionais dentre outros aspectos (CASTRO, 2005). Tomando por referência os Jogos Paralímpicos, eles, além de proporcionarem um belo espetáculo esportivo, também possuem a magia de despertar nas pessoas que possuem algum tipo de limitação (física ou psíquica) a esperança e a vontade de praticar esportes, levando-as a acreditarem em si mesmas e em suas potencialidades.

O Brasil é considerado, atualmente, uma nação com bom desenvolvimento em relação ao esporte paralímpico. Isso se sustenta nos resultados obtidos nos Jogos Paralímpicos em 2016, na cidade do Rio de Janeiro (AGUIAR; FERREIRA, 2016). No entanto o status de atleta paralímpico é almejado por aqueles que possuem alguma deficiência e que se valem do esporte como instrumento de transformação de vida. Ser reconhecido pela sua capacidade e, principalmente, superação de sua limitação física é um dos objetivos mais almejados por essas pessoas.

Assim, podemos afirmar que os atletas paralímpicos querem ser tratados como atletas e isso pode contribuir para uma transformação paradigmática sobre as pessoas com deficiência, sendo reconhecidas como pessoas produtivas e eficientes, de acordo com as condições que a sociedade lhes oferece, assim como qualquer outro cidadão. Cabe destacar, que promover e valorizar a descoberta e formação de atletas paralímpicos no país parece ser a melhor forma de renovar as futuras gerações de atletas no esporte adaptado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir segundo os resultados apresentados neste estudo que a influência social, o prazer pela prática e a oportunidade de reconhecimento são as principais razões para o ingresso de pessoas com deficiência na prática esportiva. Destacando-se como ferramentas importantes para que pessoas com deficiência que demonstram potencial para o esporte possam conhecer e ingressar no esporte.

O apoio financeiro é de extrema importância para o atleta, principalmente no início da vida esportiva, bem como as condições de acesso oferecidas a essa população. Cabe destacar que, a acessibilidade nem sempre se restringe ao aspecto arquitetônico, justamente não ter um local onde se possa treinar a modalidade esportiva foi uma dificuldade enfrentada por muitos deles ao ingressar no esporte.

As evidências acerca das motivações que contribuem para que os atletas permaneçam na prática esportiva permearam nos resultados obtidos, melhorar a condição financeira, a família, o amor ao esporte, manutenção da saúde e o sonho paralímpico. Propiciando ao atleta buscar seu desempenho máximo apesar de todos os desafios encontrados, maior autonomia econômica, principalmente dentro do contexto familiar, a obtenção de um estado satisfatório com a vida baseando-se nos fatores que são, para eles, indispensáveis para se sentir feliz e satisfeito. Além da autonomia para realizar atividades cotidianas e a manutenção da saúde, exercitando o corpo e a mente de maneira a promover um bem estar integral, mas almejando o ápice como atleta de alto rendimento.

Desde a sua gênese, o esporte paralímpico passou por diversas transformações e vem ganhando notoriedade e novos adeptos em todo o Brasil. Os fatores motivacionais para a prática do atletismo evidenciados em nosso estudo, bem como as dificuldades vivenciadas, reafirmam a necessidade de novos estudos acerca do tema, além de promover a criação de novos programas de iniciação esportiva, não apenas visando à formação de futuros atletas, mas também à possibilidade de uma inserção precoce em uma atividade capaz de promover a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida em vários aspectos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. V.; MORAES, L. F. R.. A qualidade de vida no trabalho de pessoas com deficiência: um estudo de um caso em uma grande empresa do setor metalúrgico. **Revista GESTÃO**. v.10, n. 1, p. 84-104, 2012.
- ADAMS, R. C.; DANIEL, A. N.; CUBBIN, J. A. M. C.; RULLMAN, L. **Jogos, Esportes e Exercícios para o Deficiente Físico**. São Paulo: Manole, 1985.
- AGUIAR, V. R.; FERREIRA, J. N. **Os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro de 2016, e a inclusão social de pessoas com deficiência**. ISSN 2238-2534 *In*: Disponível em: <<http://site.ajes.edu.br/encontro/arquivos/20160821082243.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.
- BRASIL. **Cadernos do Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana** – Brasil Acessível. Secretaria Nacional de Transporte e da Mobilidade Urbana – SEMOB, Ministério das Cidades. Brasília, DF, 2004.
- BRASIL (2018) **Ministério do Esporte**. Programa Bolsa Atleta. Disponível em: <<http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/legislacao.jsp>>; Acesso em: 06 out. 2018.
- BRASIL (2012). Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012. Institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana; revoga dispositivos dos Decretos-Leis nos 3.326, de 3 de junho de 1941, e 5.405, de 13 de abril de 1943, da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e das Leis nos 5.917, de 10 de setembro de 1973, e 6.261, de 14 de novembro de 1975; e dá outras providências. Brasília: **Diário oficial da União**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12587.htm>; Acesso em: 08 out. 2018.
- BRAZUNA, M. R.; MAUERBERG-DECASTRO, E. **A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento**: uma revisão da literatura. *Motriz*, v. 7, n. 2, p.115-123, 2001.
- BEGOSSI, T. D. **As atletas pioneiras no cenário paralímpico sul-rio-grandense: nuances de uma prática esportiva**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2015.
- BICALHO, C. C. F.; BOLETINE, T. L.; MELO, C. C.; NOCE, F. Fatores Motivacionais para a prática competitiva do tênis em cadeira de rodas. *In*: Congresso Paradesportivo Internacional, 5., 2016, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Minascentro, p. 542-546, 2016.
- BLOCK, M. E. **Including students with disabilities in regular physical education**: effects on nondisabled children. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 1996.

CAFRUNI C, MARQUES A, GAYA A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil: estudo dos resultados esportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.6, n.1, p.55-64, 2006.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. Florianópolis, SC: **Revista Brasileira de Ciências e Esporte**, v. 33, n. 2, p. 829-839, 2011.

CARDOSO, V. D. **O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil**. Tese (Doutorado). Porto Alegre, RS: Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

CASTRO, E. M. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

CELESTINO, T.; PEREIRA, A. **Orientação Adaptada: Características e Potencialidades de um Desporto de Inclusão**. *Revista Desporto e Atividade Física para Todos – Revista Científica da FPDD*, v. 1, n. 1, 2015.

CRESWELL, J. W; PLANO CLARK, V. L. **Pesquisa de métodos mistos**. 2ª ed. Porto Alegre (RS): Penso, 2013.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

COSTA, A. M.; OLIVEIRA FILHO, C. W. A Educação Física e o Esporte Paralímpico. In: MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W (org.). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S. A Conceptual framework for analysing sports policy factors leading to international sporting success. **European Sport Management Quarterly**, Abingdon, v. 6, n. 2, p. 185-215, jun. 2006.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic Motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum, 1985.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. Motivation, personality, and development within embedded social contexts: An overview of self-determination theory. In: **The Oxford Handbook of Human Motivation**. p. 85–107, 2012.

DIENER, E. The Remarkable Changes *In: the Science of Subjective Well-Being. Perspectives on Psychological Science*. V. 8, n. 6, p. 663-666, 2013.

DUARTE, E.; SANTOS, Tereza Paula dos. Adaptação e Inclusão. In: DUARTE, Edson; LIMA, Sonia Maria Toyoshima. **Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais: experiências e intervenções pedagógicas**. Rio de Janeiro-RJ: Guanabara Koogan, p. 93-99, 2003.

FARIA, M. D.; MOTTA, P. C.. Pessoas com deficiência visual: barreiras para o lazer turístico. **Revista Turismo em Análise**. v. 23, n. 3, p.691, 2012.

FERNANDES, M. F. H. **Motivação Autodeterminada e Satisfação com a Vida de Atletas de Desporto Adaptado na Modalidade de Andebol. Tese de Mestrado. Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação, 2017.**

FREITAS, M. N. C.; MARQUES, A. L. Formas de ver as pessoas com deficiência: um estudo empírico do constructo de concepções de deficiência em situações de trabalho. **Revista de Administração Mackenzie**. v. 11, n.3, 2010.

FIGUERÔA, K. M. MEZZADRI, F. M. SILVA, M. M.; RIO 2016: possibilidades e desafios para o esporte brasileiro. *Motrivivência*; Ano XXV, Nº 41, p. 140-154 Dez./2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/21758042.2013v25n41p140/25832>> Acesso em: 09 out. 2018.

FLORENCE, R. B. P. **Medalhistas de ouro nas paraolimpíadas de Atenas 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.**

GADERMANN, A. M.; SCHONERT-REICHL, K. A.; ZUMBO, B. D. **Investigating validity evidence of the Satisfaction with Life Scale adapted for children.** *Social Indicators Research*, v. 96, n. 2, p. 229-247, 2010.

GREGUOL, M. Atividades Físicas e Esportivas e Pessoas Com Deficiência. In: **Movimento é vida: Atividades físicas e esportivas para todas as pessoas. Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil, 2017.**

GONZALEZ, J. S.; SILVA, R. P. **Os Jogos Paralímpicos: O contexto histórico e atual.** *Olympicstudies: Rio grande do Sul*, p. 804-814, 2007.

GORGATTI, M. G. et al. Tendência competitiva no esporte adaptado. **Arquivos Sanny de Pesquisa e Saúde**, v.18, n.1, p.18-25, 2008.

GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoa com deficiência. In: **Atividade física Adaptada: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais.** 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2008.

GRUBANO, E. C. **O Esporte Adaptado como fator de inclusão social para pessoas com deficiência física.** UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2015.

HAIACHI, M.C.; CARDOSO, V.D.; REPPOLD FILHO, A.R., GAYA, A. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 2016.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/pesquisa/23/23612?detalhes=true>> Acesso em: 09 out. 2018.

LOPES, M. D. Hábitos de vida dos adolescentes: Gênero, ano de escolaridade e prática de atividade física. **Dissertação de Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa**, 2012.

MANO, R. F.; MEDEIROS, F. G.; DINIZ, I. S. F. N; ABREU, N. R. Transporte Público e Acessibilidade: um estudo comparativo da qualidade percebida e esperada por usuários com deficiências em João Pessoa. **GEPROS. Gestão da Produção, Operações e Sistemas**, Bauru, Ano 8, nº 3, julset/2013, p. 71-84.

MARQUES, R. F.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do Esporte Paralímpico no Brasil: Os processos de classificação de atletas. **Rev. Educ. Fis/UEM**, v. 23, n. 4, p. 515-527, 2012.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; MENEZES, R. P. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, v. 27, n.4, p. 583-96, 2013.

MARTIN, J. J.; ADAMS-MUSHETT, C. **Social support mechanisms among athletes with disabilities**. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 13, n. 1. p. 74-83, 1996.

MARTIN, J. J. **Benefits and barriers to physical activity for individuals with disabilities: a social-relational model of disability perspective**. *Disability and Rehabilitation*, v. 35, n. 24, p. 2030-2037, 2013.

MARTINS, E. F. Atividade física e desporto adaptado nos transtornos neurogênicos. **Revista Neurociências** 17 (03), p. 273-278, 2009.

MARTINS, R. X. **Metodologia de pesquisa: guia de estudos** / Ronei Ximenes Martins. – Lavras: UFLA, 2013.

MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. O Esporte Adaptado. **Revista Digital, Buenos Aires**, v.8, n.51, 2002.

MENDONÇA, R. Esporte Paralímpico X Esporte Olímpico: Três lições do esporte paralímpico que podem servir ao olímpico. BBC Brasil, São Paulo, 08 set. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150907_esporte_paralimpico_olimpico_rm> Acesso em: 08 out. 2018.

MIRANDA, TATIANE JACUSIEL; Comitê paralímpico brasileiro: 15 anos de história. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Pós – Graduação Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/27504>> Acesso em: 04 out. 2018.

MOURA, W. L.; BENDA, R. N.; NOVAES, J. S.; TUBINO, M. J. G. **O Atletismo no desenvolvimento de crianças portadoras de necessidades especiais.** Motricidade, v. 2, n. 1, p. 53-61, 2006.

NOCE, F.; SIMIM, M. A. M.; MELLO, M. T. **A Percepção de Qualidade de Vida de Pessoas Portadoras de Deficiência Física Pode ser Influenciada Pela Prática de Atividade Física?** Rev. Bras. Med. Esporte. v. 15, n. 3, mai./jun, 2009.

OLIVEIRA, G. T. A., et al. Fatores motivacionais em paratletas com deficiência visual e motora praticantes de natação e atletismo. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP/Campinas**, v. 11, n. 1, p. 29-41, 2013.

PALLA, A. C. **Atitude de profissionais e alunos universitários sobre a proposta de inclusão.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2001.

PARSONS, A; WINCKLER, C. **Esporte e a pessoa com deficiência: contexto histórico.** In: MELLO MT E WINCKLER, C. Esporte Paralímpico. Atheneu: Rio de Janeiro, 2012.

PARSONS, Andrew G. W. Nossa maior dificuldade é fazer com que o atleta consiga se locomover de casa até o local do treino. Veja, Blog Coluna Augusto Nunes, fev. 2017. Entrevista concedida a Programa Roda Viva, matéria escrita por Branca Nunes. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/andrews-parsons-presidente-do-comite-paralimpico-brasileiro-no-roda-viva-8220-nossa-maior-dificuldade-e-fazer-com-que-o-atleta-consiga-se-locomover-de-casa-até-o-local-de-treino-8221/>> Acesso em: 06 out. 2018.

PEDRINELLI, V. J.; NABEIRO, M. A prática do esporte pela pessoa com deficiência na perspectiva da inclusão. In: MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W (org.). **Esporte Paralímpico.** São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

PENA, LUÍS GUSTAVO DE SOUZA. O esporte paraolímpico na formação do profissional de Educação Física: percepção de professores e acadêmicos. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – **Pós – Graduação Faculdade de Educação Física, UNICAMP.** Campinas 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275098>; Acesso em: 04 out. 2018.

PEREIRA, C. S. C. A prática desportiva e o bem-estar subjetivo em adolescentes. **Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa:** Faculdade de Psicologia, 2012.

RAVACHE, A. **Atletismo Paraolímpico – Atletismo para Deficiente Físico.** In: Manual de Orientação para Professores de Educação Física, 2006.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Active Human Nature: Self-determination theory and the promotion and maintenance of sport, exercise, and health. In: HAGGER, M. S.; CHATZISARANTIS, N. L. D. **Intrinsic Motivation and self-determination in exercise and sport.** Champaign: Human Kinetics, p. 1-19, 2007.

ROSADAS, SIDNEY DE CARVALHO; Sucesso de pessoas portadoras de deficiência através da pratica esportiva: um estudo de caso. Tese (Doutorado em Educação Física) – Pós- Graduação em Educação Física, UNICAMP. Campinas 2000. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275383/1/Rosadas_SidneydeCarvalho_D.pdf>. Acesso em: 05 out. 2018.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. Barueri - SP: Manole, 2002.

SAMULSKI, D.; NOCE, F. Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. v.8, n.4, p.157-166, 2002.

SARAIVA, J. P.; ALMEIDA, M. R.; OLIVEIRA, C.; FERNANDES, R.; CRUZ-SANTOS, A. Desporto adaptado em Portugal: Do conceito à prática. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v.18, n. 5, p. 623-635, 2013.

SERON, B. B.; ARRUDA, G. A.; GREGUOL, M.. Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 214-221, 2015.

SILVA, Evelyn Andressa Gavioli da. Projeto paralimpíadas escolares: intenção, evolução, articulações e contribuições ao paradesporto educacional brasileiro. 2017. 138 f. Dissertação (Mestre em Educação Física) - Setor Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47150/R%20-%20D%20-%20EVELYN%20ANDRESSA%20GAVIOLI%20DA%20SILVA.>>>. Acesso em: 06 out. 2018.

SOUZA, P. A. **Desporto na paraplegia e tetraplegia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

VALLERAND, R. J. The **psychology of passion: A dualistic model**. New York: Oxford University Press, 2015.

VERÍSSIMO, A. W. **Atletismo paraolímpico: Manual de orientação para professores de Educação Física**. Brasília: Comitê paraolímpico Brasileiro, 2006.

VILLAS BOAS, M. S.; BIM, R. H.; BARIAN, S. H. S. Aspectos motivacionais e benefícios da prática do basquetebol sobre rodas. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 14, n. 2, p. 7-11, 2. Sem., 2003.

VITORINO, A.; MONTEIRO, D.; MOUTÃO, J.; PINTO, R.; MORGADO, S.; BENTO, T.; CID. "Passion and satisfaction with life in disabled athletes". **Revista de Saúde Pública**, 48, 2014.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS

Anamnese

Antes de tudo, o nosso muito obrigado pela sua participação. Este estudo faz parte de um projeto de trabalho de conclusão de curso de Educação Física – Bacharelado da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Tem como principal objetivo analisar os fatores motivacionais que influenciam pessoas com deficiência a prática do atletismo. O preenchimento deste questionário é de caráter simples e breve, devendo o seu preenchimento demorar aproximadamente 10 minutos. Todas as respostas serão tratadas com total confidencialidade e anonimato. A resposta é voluntária, no entanto, para posterior análise estatística, pedimos que preencha o quadro abaixo com os dados referentes à sua pessoa:

Sexo: Masculino (<input type="checkbox"/>) Feminino (<input type="checkbox"/>)	Idade: ____ (anos)
Estado civil: (<input type="checkbox"/>) Casado (a) (<input type="checkbox"/>) Solteiro(a) (<input type="checkbox"/>) Separado (a) (<input type="checkbox"/>) Viúvo (a)	
Tem filhos? (<input type="checkbox"/>) Sim (<input type="checkbox"/>) Não	Quantos?
Local de Residência: Urbano (<input type="checkbox"/>) Rural (<input type="checkbox"/>)	Escolaridade:
Ocupação Laboral:	Renda familiar:
Recebe algum auxílio (INSS, Bolsa atleta, Outro)? Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)	
Se recebe, qual?	
Deficiência: Congênita (<input type="checkbox"/>) Adquirida (<input type="checkbox"/>)	
Caso a resposta seja adquirida: Há quanto tempo?	
Qual modalidade de atletismo praticado?	
Classificação Funcional?	
Há quanto tempo treina nesta modalidade?	
Quantos dias de treino na semana?	
Quantas horas de treino por dia?	
Meio de transporte utilizado para ir treinar?	

Roteiro de entrevista

ESPORTE PARALÍMPICO: FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM A PRÁTICA DO ATLETISMO

- 1) Como foi o seu ingresso no esporte Paralímpico?**
- 2) O que te motivou para iniciar a praticar o atletismo?**
- 03) Existiram situações que dificultaram seu ingresso no atletismo?**
- 04) Quais os fatores que contribuem para sua permanência na prática do atletismo?**

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: ESPORTE PARALÍMPICO: FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM A PRÁTICA DO ATLETISMO

Caro participante,

O estudante do Curso de Bacharelado em Educação Física, **ROBERTO SILLAS DE LIMA SOUZA** da Universidade Federal da Paraíba, pretende realizar um estudo com as seguintes características: o objetivo geral se trata de ANALISAR QUAIS OS FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA A PARTICIPAR DA PRÁTICA DO ALTETISMO. Solicitamos a sua colaboração para participar da coleta dos dados através de UMA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA. TODAS AS ENTREVISTAS SERÃO GRAVADAS E POSTERIORMENTE TRANSCRITAS PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO, também é solicitada a sua autorização para que os dados possam constar em uma monografia de conclusão de graduação em Educação Física. Além disso, pedimos autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que os **benefícios** do estudo serão elevados e estarão relacionados com a IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO ESPORTE ADAPTADO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, além de contribuir para o crescimento de pesquisas nesta área. **Os riscos** da pesquisa serão mínimos e relacionados com possíveis constrangimentos ao responder a entrevista semiestruturada, que serão minimizados pelo pesquisador na coleta de dados através de orientações aos participantes sobre a melhor forma participação na pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo aos treinos na Pista de Atletismo da UFPB.

Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento livre e esclarecido para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Profa. Dra. ANA CRISTINA OLIVEIRA MARQUES Telefone: 3216-7030.
Endereço: Castelo Branco, s/n. Campus Universitário. Departamento de Educação Física.

OU

Comitê de Ética em Pesquisa do CCS – UFPB

Endereço: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO

(No caso do menor entre 12 a 18 anos)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: **ESPORTE PARALÍMPICO: FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM A PRÁTICA DO ATLETISMO**. Nesta pesquisa pretendemos analisar os fatores motivacionais que influenciam pessoas com deficiência a participar da prática do atletismo. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é **A OPORTUNIDADE DE APROFUNDARMOS OS CONHECIMENTOS TEÓRICOS E REFLETIRMOS ACERCA DOS MOTIVOS QUE LEVAM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA À INICIAÇÃO E A PERMANÊNCIA NA PRÁTICA DO ATLETISMO. OS BENEFÍCIOS DA PESQUISA SERÃO ELEVADOS E SERVIRÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESCLARECIMENTO E INCENTIVO A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO ESPORTE ADAPTADO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): **SOLICITAMOS A SUA COLABORAÇÃO PARA PARTICIPAR DA COLETA DOS DADOS ATRAVÉS DE UMA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA. TODAS AS ENTREVISTAS SERÃO GRAVADAS E POSTERIORMENTE TRANSCRITAS PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO, TAMBÉM É SOLICITADA A SUA AUTORIZAÇÃO PARA QUE OS DADOS POSSAM CONSTAR EM UMA MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO DO ALUNO ROBERTO SILLAS DE LIMA SOUZA DO CURSO BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPB. ALÉM DISSO, PEDIMOS AUTORIZAÇÃO PARA APRESENTAR OS RESULTADOS DESTES ESTUDOS EM EVENTOS DA ÁREA DE SAÚDE E PUBLICAR EM REVISTA CIENTÍFICA. POR OCASIÃO DA PUBLICAÇÃO DOS RESULTADOS, SEU NOME SERÁ MANTIDO EM SIGILO**.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Nesta pesquisa **OS RISCOS SERÃO MÍNIMOS E PODERÃO ACONTECER APENAS POR POSSÍVEIS CONSTRANGIMENTOS AO RESPONDER A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, MAS QUE SERÃO MINIMIZADOS, POIS HAVERÁ UM TREINAMENTO DOS PESQUISADORES PARA UMA PERFEITA ORIENTAÇÃO DE TODOS OS PROCEDIMENTOS**.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias: uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ **(se já tiver documento)**, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas *dúvidas*.

João Pessoa, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do (a) menor

Assinatura do (a) Pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. ANA CRISTINA OLIVEIRA MARQUES

Endereço: Castelo Branco, s/n. Campus Universitário. Dept°. de Educação Física.

CEP: 58051-085

Fone: 3216-7030

E-mail: acomarques@gmail.com

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

ANEXO A – CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESPORTE PARALÍMPICO: FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM A PRÁTICA DO ATLETISMO

Pesquisador: Ana Cristina Oliveira Marques

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 91358518.3.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.841.569

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa a ser realizada pelo aluno do curso de Educação Física, ROBERTO SILLAS DE LIMA SOUZA, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Cristina de Oliveira Marques. A pesquisa caracteriza-se como descritiva de cunho qualitativo. A amostra será composta por treze paratletas de ambos os sexos (dez portadores de deficiência motora e três visual), idades de 16 a 40 anos. A amostragem será não probabilística por conveniência. As Variáveis investigadas serão acerca dos motivos que levam pessoas com deficiência à iniciação e a permanência da prática do atletismo. O instrumento utilizado para coleta dos dados será a entrevista semiestruturada. Os dados serão analisados de forma qualitativa por meio da análise de conteúdo de Bardin.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar os fatores motivacionais que influenciam pessoas com deficiência a participar da prática do atletismo.

Objetivo Secundário:

Objetivo Primário:

Analisar os fatores motivacionais que influenciam pessoas com deficiência a participar da prática

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.841.569

do

atletismo.

Objetivo Secundário:

Identificar o perfil demográfico e socioeconômico dos atletas paralímpicos da pista de atletismo da UFPB. Compreender os motivos que levam a

iniciação no esporte;

Identificar as dificuldades encontradas para a prática do atletismo;

Compreender os fatores que contribuem para a permanência na prática do atletismo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos da pesquisa serão mínimos e relacionados com possíveis constrangimentos ao responder a entrevista semiestruturada, que serão minimizados pelo pesquisador na coleta de dados através de orientações aos participantes sobre a melhor forma participação na pesquisa.

Benefícios:

Informamos que os benefícios do estudo serão elevados e estarão relacionados com a IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO ESPORTE ADAPTADO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, além de contribuir para o crescimento de pesquisas nesta área de forma a incentivar as políticas públicas de esclarecimento e incentivo a importância da prática do esporte adaptado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta está adequadamente elaborada e permite tecer julgamentos concernentes aos aspectos éticos/metodológicos envolvidos, conforme diretrizes contidas na Resolução 466/2012, do CNS, MS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos que foram apresentados que necessitavam ser corrigidos para possibilitar adequada avaliação no que se refere aos aspectos éticos e metodológicos, foram prontamente corrigidos.

Recomendações:

O) A pesquisador(a) responsável e demais colaboradores, MANTENHAM A METODOLOGIA

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 2.841.569

PROPOSTA E APROVADA PELO CEP-CCS.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que o(a) pesquisador(a) atendeu adequadamente às recomendações feitas por este Colegiado em parecer anterior a este, e que o estudo apresenta viabilidade ética e metodológica, estando em consonância com as diretrizes contidas na Resolução 466/2012, do CNS/MS, somos favoráveis ao desenvolvimento da investigação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1153668.pdf	12/07/2018 00:16:35		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochsilas.pdf	12/07/2018 00:15:19	Ana Cristina Oliveira Marques	Aceito
Brochura Pesquisa	PESQsilas.pdf	12/07/2018 00:15:04	Ana Cristina Oliveira Marques	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclesilas.pdf	12/07/2018 00:14:52	Ana Cristina Oliveira Marques	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALEsilas.pdf	12/07/2018 00:14:04	Ana Cristina Oliveira Marques	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	anupista.pdf	07/06/2018 20:37:46	Ana Cristina Oliveira Marques	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	07/06/2018 20:36:16	Ana Cristina Oliveira Marques	Aceito
Outros	instsilas.docx	07/06/2018 12:30:04	Ana Cristina Oliveira Marques	Aceito

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 2.841.569

Declaração de Pesquisadores	compsilas.pdf	07/06/2018 12:29:40	Ana Cristina Oliveira Marques	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	anuDEF.pdf	07/06/2018 12:28:57	Ana Cristina Oliveira Marques	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 24 de Agosto de 2018

**Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador)**

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br